Apologia de Camoens

Catalogo Monteverde - Cole nº 942 - pag. 109

APOLOGIA

DE

CAMOENS

CONTRA AS REFLEXOENS CRITICAS

do *P. Jozé Agostinho de Macedo*
sobre o episodio de Adamastor
no Canto V. dos Lusiadas.

EM SANTIAGO:
Na Officina Tipografica de D. Joam Moldes.
Anno de 1819.

Com as licenças necessarias.

CONTO.

Tendo hum famoso Critico ajuntado todos os defeitos de hum grande Poeta, fez delles prezente a Apollo. Este Deos os recebeo graciozamente, e determinou recompensar o Autor de hum modo conveniente ao trabalho, que tivera. Com este intento poz-lhe prezente hum pouco de trigo por alimpar, e ordenou-lhe que separasse a palha, e a pozesse á parte. Começou o Critico a trabalhar com muita industria e diligencia, e depois de ter feito a separaçam Apollo lhe deo a palha pelo seu trabalho.

Boccalini. cit. por
Addisson no seu disc. sobre
o Poem. de Milt.

PROLOGO.

Se o infeliz Poeta, que nadando de hum braço salvou no outro o Poema, que lhe grangeou

eterna gloria entre as Naçoens cultas, existisse nos nossos dias, e fosse accuzado do crime de ladram na prezença do mundo litterato, que diria elle ao seu accuzador? Pareceme estar ouvindo dizer ao incomparavel Camoens. " Accuzador injusto dízeme, se eu roubei a Authores Historicos, e a celebres Poetas tudo quanto introduzí de historico, e poético nos meos Luziadas, para que fim defendi do furor das ondas embravecidas esta producçam da minha imaginaçam fogoza, arriscando a propria vida por salvála? Acazo tinham sido devora-

dos pelas chamas esses famózos escritores para me ser impossivel repetir o roubo?... Mas eu venho responder á face do Universo, e devo fazê-lo com provas claras: appareçam os meus roubos." Diz o Poeta torto voltando a vista, que lhe resta, para o seu acuzador. Emtam vê o P. J. A. de M.: solta huma gargalhada: encolhe os hombros: "ainda mais esta desgraça!" e sem articular palavra recolhe-se á morada dos mortos.

Assim desprezaria o Principe dos Poetas Portuguezes os insultos de hum escritor, que,

por vergonha da litteratura Portugueza se atreve a invectivar contra o mais bello episodio, que tem produzido aférvida mente do mais insigne Poeta da Naçam. Como porem póde haver alguns leitores, que, sem examinarem as falsidades do Critico, accreditem o seu testemunho só por estar em letra redonda, convem á honra da Naçam escandalizada de semelhante atrevimento que appareçam á luz do dia as suas imposturas. Nós tomando este trabalho seguimos passo a passo as citaçoens dos Authores, donde o nosso Poeta tinha rou-

bado (segundo a fraze do folheto intitulado Reflexoens Criticas do P. J. A. de M.) *tudo quanto de bello, e poético se encontra no episodio de Adamastor; e nam podemos expressar quanta foi a nossa admiraçam vendo citar descaradamente textos de outros Poetas truncados, nam entendidos, ou arrastados violentamente para provar these tam absurda.* Como *tanto fél póde entrar no espírito de hum escritor! He difficil de accreditar que, para fazer figurar em scena dous rídiculos saramagos disputando qual contará mais in-*

sulsamente a viagem de Vasco da Gama á India, se arroje o Critico arvorado em poeta a denegrir a gloria immortal do nosso Camoens! mas he huma verdade que a imprensa gemeo (e talvez chorasse amargas lagrimas) com o pezo dos dous Poemas, *o* Oriente, *e o* Gama, *cujo assumpto he o mesmo, as mesmas imagens, os mesmos episodios, aonde nam ha vislumbre de invençam; em huma palavra aonde fala hum dos saramagos, e o outro repéte como eco a mesma insulsêz em muito má proza rimada. Deixemos estes dous insectos na*

ordem dos poemas: o nosso intento he puro, e nam pertendemos manchar a nossa justa censura com a nódoa da mordacidade. Nós prevenímos a benevolencia do nosso leitor, para que desculpe algum dito picante, se acazo nos escapou no decurso desta refutaçam; sabemos quanto he indigno entre homens, que se prezam de sabios, disputar com chalaças opinioens scientificas. Oxalá que, unicamente por nos instruir, e nam por outro motivo, pudéssemos aprezentar o nosso nome na frente desta pequena obra, e entrar em disputa se-

ria com o Critico sem temer o chorrilho de improperios, com que a sua penna costuma pulverizar *todos, os que lhe nam curvam a cerviz.*

APOLOGIA
DE
CAMOENS.

Com razam nos ensina, e adverte Quinctiliano, que quando nas grandes Obras de Litteratura houvermos de notar algum defeito, o façamos com a moderaçam, e attençam devida ao distincto merecimento, e á publica reputaçam de seus Autores.

Esta maxima, digna por certo da prudencia, descriçam, e sizudeza d'aquelle insigne Mestre, he tam conforme aos principios da Moral Social, como propria dos bem regrados sentimentos de hum coraçam honrado, e virtuozo.

Alem de nam ser jámais decente, que o homem bem nascido, e bem educado note, ou reprehenda com expressoens de desprezo, com dicterios picantes, e com amargoza satyra qualquer genero de defeito, que observe nos seus semelhantes; há muitos, e mui particulares motivos, que aconselham esta prudente temperança, quando se trata de notar defeitos litterarios, e de os notar em Obras, e Autores, que por opiniam publica, geral, e constante gozam de hum lugar superior, e distincto na Republica Litteraria.

Mostrar estes defeitos, quando sam reaes, censurar as Obras, e os Autores, quando elles se desviam das regras, que o bom gosto tem estabelecido, he hum dever do Critico illustrado, e hum serviço relevante, que se faz á Litteratura. Os melhores Mestres da Antiguidade nam desdenháram esta occupaçam, e a ella devemos excellentes

observaçoens, e preceitos, que ainda hoje guiam os bons engenhos na composiçam de suas producçoens, e nos servem de regra para ajuizarmos do seu merecimento.

Porem escurecer com affectado silencio as bellezas, e excellencias Litterarias de qualquer Obra para somente realçar os seus defeitos: trabalhar por descubrir, e avolumar esses defeitos, quando elles sam tam miudos, ou tam raros, que apenas merecen attençam: imaginalos, inventalos, e imputalos ao Autor, quando em realidade nam existem, e desfigurar para isso os seus pensamentos, e as suas expressoens, ou dissimular com artificioza fraude a verdadeira intelligencia dellas; e finalmente apprezentar ao Publico as rezultas de tam mallogrado empenho em hum mesquinho discurso cheio de expressoens satyricas, de motejos ridiculos, de dicterios injuriozos, e de petulantes sarcasmos; em lugar de ser hum serviço, que se faz á Litteratura, he pelo contrario hum procedimento totalmente oppôsto aos seus progressos, he hum ultraje, que se faz ao merecimento, e he o sinal menos equivoco de huma alma baixa, e rasteira, que fecha os olhos á luz, por que nam he capaz de soportar a sua claridade; que pertende manchar com nodoas impuras o esplendor do alheio merecimento, para que elle nam contraste tam fortemente com as trevas da sua ignorancia, que desdenha do homem grande, porque se nam atreve a alcançalo, e seguilo em sua glorioza carreira, e que nam podendo emfim satisfazer por outro modo a sua orgulhoza vaidade, nem adquirir por obras de verdadeiro valor o conceito e estima, que julga merecer; procura por meio de ridiculas graciozidades insinuar-se no animo dos Leitores malignos, desprevenidos, ou menos judiciozos, e ganhar por este modo o seu conceito, approvaçam, e louvor.

Tal parece ter sido o plano, e o desenho do Autor das *Reflexoens Criticas*, que sahiram impressas em Lisboa sobre o *Episodio de Adamastor* no Canto V. dos *Lusiadas de Camoens.*

A idêa que haviamos formado deste immortal Episodio, tanto pela Liçam do Poeta, como pelo juizo que delle tem feito os mais illustres Sabios, e Criticos das Naçoens polidas da Europa, fez que lessemos cheios de admiraçam e assombro o estranho annuncio da Gazeta de Lisboa de 26 de Dezembro do anno de 1811, en que se inculcavam as *Reflexoens Criticas* com a notavel recomendaçam de se achar nellas *demonstrado até á evidencia*, que aquelle Episodio era *a maior incoherencia de Luiz de Camoens..*

Sem embargo da nossa admiraçam, e assombro, abstivemo-nos de fazer juizo algum decizivo sobre o merecimento das *Reflexoens Criticas*, até que vissemos, e examinassemos os argumentos, em que o seu Autor fundava huma tam rigoroza censura, esperando achar, quando nam razoens solidas e incontestaveis, ao menos algumas observaçoens serias, e sensatas, que justificassem toda via a intençam do Autor, e dessem alguma côr favoravel aos seus reparos.

Com tudo tivemos o dissabor de ver completamente frustradas as nossas esperanças, e nam menos aumentado o noso espanto, quando logo pelo Prologo d' aquelle pequeno Folheto vimos que o Autor intentava subtrahir-se aos deveres de modestia, e circunspecçam, recomendados por Quintiliano na judicioza maxima, que fica apontada no principio deste discurso, para entregar-se a toda a liberdade do seu genio, e dar alguma apparencia de desculpa á picante mordacidade, com que pretendia sazonar as suas *Reflexoens*.

Ninguem por certo intentará provar, como demanda o Critico, *que os Varoens antigos tinham auctoridade para descreverem impunemente os disparates que quizessem.* Nem esta podia ser a mente de Quinctiliano, nem nós podêmos presumir no Autor das *Reflexoens* tanta rudeza, e ignorancia, que assim o haja entendido de bôa fé. Concedemos que os antigos nam tinham essa autoridade: confessamos que erráram muitas vezes, e que podiam cahir em *dispa-*

rates, *e absurdos*: reconhecemos nos modernos o direito, e até o dever de os combater, e refutar; de demonstrar, e reprehender seus erros; de rectificar suas idêas; de censurar as suas Obras. Mas exigimos ao mesmo tempo com aquelle sabio Mestre da Antiguidade, que isto se faça com modestia, e circunspecçam, 1º porque he decorôzo e devido acatar sempre os grandes homens, e respeitar o seu distincto merecimento: 2º porque devemos julgar modestamente de nós; recear a imperfeiçam de nossas idêas, e temer que por ventura nos nam pareçam *disparates* o que em realidade sam bellezas superiores, e de grande valia: 3º porque sendo nós tambem sujeitos a cahir em erros, e disparates, nam devemos atrahir sobre nós, com o nosso proprio exemplo, os desprezos, e zombarias, que nesse cazo seriam bem merecida pena da nossa insolencia, e temeridade: 4º porque quem se vale de dicterios, e motejos dá muito ma idêa da cauza que defende, e mostra nam confiar na força de suas razoens, e argumentos &c. &c.

E se o nosso Critico se nam contenta com estas razoens, que por ventura nam serám de seu gôsto; e continúa a perguntar-nos *por que razam hum Gigante ha-de ter a liberdade de fazer huma parvoíce*, *e nam ha-de ter liberdade hum Pigmeo de lhe dizer*: *isto*, *Senhor Gigante*, *he huma parvoíce*? Respondemos no mesmo tom, e linguagem, que hum Pigmeo, por isso mesmo que he Pigmeo, nunca pode ajuizar com certeza e segurança á cerca das parvoíces de ham Gigante: (1) e que tomando, a despeito disso,

---

(1) Este principio he fizicamente verdadeiro. Em geral o homem nam pode ajuizar das cousas, se nam relativamente, e segundo a proporçam que ellas tem com a sua natureza, ou com as suas faculdades, e circunstancias. Huma criança tem por incomportavel qualquer pequeno pezo, que hum homem move com extrema facilidade. Hum cégo julga *disparates*, *e absurdos* o que ouve a respeito de côres ás pessoas, que tem boa vista. Hum louco, e insensato zomba, e moteja dos discursos do homem serio, e sizudo, por que lhe parecem outros tantos despropozitos. Os Pigmeos de

a liberdade, e confiança de insultalo, se expoem a ser esmagado por elle, e a pagar deste modo a pena do seu arrojo, e atrevimento.

Despois deste judiciozo Prologo começa o éritico a sua censura; mas antes de entrar no principal ponto della, quer dar-nos huma idêa do conceito geral que faz do estilo dos Lusiadas: e este assumpto, que pareceria difficil de tratar-se a qualquer insigne Litterato, he decidido, e arrematado pelo nosso Critico n' hum só rasgo de penna, e em hum breve periodo.

Em o longo Poema dos Lusiadas (diz elle pag. 5) *quasi tudo he mera prosa, com esta differença, que se faz tanto mais intoleravel, quanto mais poesia se esperava.*

Eis a qui pois huma singular novidade, que o nósso Autor nos ensina, e que ninguem antes delle havia conhecido, e publicado! Embora Camoens tenha gozado por mais-de dois seculos o illustre, e glorioso titulo *de Principe dos* Poetas *da Hespanha*: embora o seu Poema tenha merecido a constante, e universal estima, applauso, e admiraçam de huma Naçam espirituosa, sensivel, e apaixonada, qual a Portugueza: embora tenha sido reimpresso infinitas vezes; traduzido em muitas, e varias linguas, (2) commentado, e defendido por homens illustres em saber, e doutrina, elogiado por Estrangeiros sabios, e imparciaes, (3) imitado

---

Swift houveram por monstruozo, e colossal o homem Europeo, e este fez o mesmo conceito a respeito dos habitantes de *Brobdingnhag*. Por analogia de razam, os felices atrevimentos de hum Poeta críador, debem parecer *disparates*, e talves perigosos despenhos, à hum genio mesquinho, e rasteiro, que nam póde levantar tam sublime, e arrebatado vôo, &c. Esta he a explicaçam do *Pigmeo*, e do *Gigante* do nosso Critico. Elle escolheo a comparaçam com muito tino, e nós temos o gôsto de a commentár.

(2) Vej. o *P. Thomaz de Aquino* no *Prolog.* da sua 2.ª Ediç. de Camoens.

(3) Por nam fazer-mos longo catalogo de nomes, contentar-nos-hemos de lembrar somente aqui o illustre e profundo *Montesquieu* no seu *Esprit des Lois* L. XXI. Cap. XXI. aonde diz que o

por estremádos Poetas; estudado por todos como Obra classica e de superior merecimento; e finalmente collocado pelo juizo dos mais abalizados Criticos entre as poucas Epopêas antigas e modernas, que sam reconhecidas como taes em toda a Litteratura. Tudo isto he puro effeito da preoccupaçam, e dos *profundos vestigios que deixam em nossa alma as primeiras idêas que adquirimos sobre materias Litterarias*: por que em realidade neste Poema tam gabado *quazi tudo he mera proza*, e o seu estilo *pela maior parte, frigido, glacial, e perfeitamente prosaico.* (4)

O Conselho dos Deoses descripto no Cant. I. Est. 19-42: o soccorro com que Venus, e as Nereidas acudíram ao perigo da Armada Portugueza C. II. Est. 18-28: a súpplica de Venus a favor dos Portuguezes ib. Est. 33-55: a Descripçam geografica da Europa C. III. Est. 6-20: a Embaixada da Rainha de Castella D. Maria a seu Pai ElRei D. Affonso IV. de Portugal C. III. Est. 102-106: a narraçam dos desditozos amores de D. Ignez de Castro ib. Est. 120-135: a descripçam da Batalha de Aljubarrota C. IV. Est. 28-46: o sonho d' ElRei D. Manuel ib. Est. 68-75: a falla do velho ib. Est. 94-104: a sahida da Amada Portugueza do Porto de Lisboa, e descripçam das Costas Maritimas C. V. Est. 1-16: o immortal Episodio de Adamastor ib. Est. 39-60: o Conselho dos Deoses do mar C. VI. Est. 8-37: a descripçam da tempestade ib. Est. 70-91: a descripçam da India C. VII. Est. 17-22: a descripçam do Palacio do Samorim ib. Est. 51-54: a pintura das bandeiras, e tapeçarias da Capitánia Portugueza C. VIII. Est. 1-39: o Can-

---

Poema de Camoens *fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée, & de la magnificence de l'Enéide.* Este elogio na boca de Montesquieu honra tanto o nosso Poeta, quanto acredita o depurado gosto, e litteratura daquelle insigne Escritor.

(4) *Reflex. Crit.* pag. 5.6. 9. &c. *Gam. Poem. Narrat. disc. Prelimin.* pag. xiv. Já *Lamotte* disse de *Homero*, que o seu grande credito era *huma pura preoccupaçam transmittida desde os antigos até nós.* Esta casta de criticos tem o mesmo genio em todos os Paizes!

to IX todo: o vaticinio de Thetis C. X. Est. 10-74, e Est. 77-138 &c. &c. tudo isto sam ninharias poeticas, *descosidas arengas, discursos corriqueiros, disparates, incoherencias; e absurdos do triste Poeta, e emfim mera prosa, e estilo frigido, e perfeitamente glacial!!* (5)

Qualquer dos nossos Escritores das cousas da India (continúa o Critico pag. 5.) *he para mim muito mais agradavel, que Camoens.*

Nós nam ousamos disputar-lhe a verdade desta propoziçam, por que ninguem melhor que elle pode saber o que lhe agrada, ou nam agrada; e porque tam bem pouco importa á Republica Litteraria saber qual seja o seu gôsto em taes materias. Somente nos admiramos: 1º que prefira a Camoens a Historia de Castanheda, a cuja linguagem dá o nome de *Tristissima prosa*: 2º que nam goste ao menos dos Lugares que o grande Poeta *furtou a Barros*, visto que *jamais deixou de o trasladar, sem mudar o sentido, ou frases, nam fazendo mais que rimár, e rebater a Castigada prosa deste insigne Escritor*: 3º que tam bem lhe cauzem nojo, e fastio os Lugares que Camoens *roubou* a *Virgilio, e a Ariosto, principalmente, trasladando-os litteralmente por todo o seu Poema*:. 4º finalmente que este mesmo disgôsto, e desagrado recaia sobre hum Poeta que *lia muito a Ovidio*, que *tinha toda a erudiçam do seu tempo*, e a quem o proprio Critico faz hum grande elogio na chamada *Ode Pindarica* impressa á frente do seu *Gama*; e na 4ª, 5ª, e 6ª. Estancia do primeiro Canto deste Poema. (6)

---

(5) Taes sam as polidissimas expressoens, com que o Critico se explica a respeito de *Camoens* a pag. 6. 9. 26. 28. 32. &c. das *Reflexoens Criticas*; e no *discurso Preliminár* do seu *Gama*.

(6) Para se conhecer a olhos vistos a má tençam do Critico, ou o seu máo juizo, basta notar as miseraveis contradicçoens, em que cahe, fallando do Poeta. Já nam nos lembramos do que diz na *Ode Pindarica*, e nas Estancias citadas do *Gama*, por que tudo isso entendemos em sentido ironico. Mas nas proprias *Reflexoens Criticas*, que he hum folheto de 34 paginas em 12, a pag. 7. diz que

O Critico para nos mostrar que o seu conceito assenta sobre boas razoens, e he fundado no exame, e comparaçam critica de Camoens como os outros Escritores das cousas da India, cita hum, que provavelmente he o que mais o encantou, e arrebatou toda a sua admiraçam.

He este Manuel de Faria e Souza na sua *Asia Portugueza*, *cujo primeiro volume* (diz a pag. 5) *está escrito com tanto magisterio, sublimidade, e formosura, que alem de ser entre os bons Livros, que ha no Mundo, hum dos melhores; as tres primeiras partes, que chegam ate á morte do grande Affonso d' Albuquerque, consideradas como hum Poema historico semelhante ao da Farsalia, sam infinitamente superiores ás decantadas Lusiadas.*

Manuel de Faria e Souza he sem dúvida hum Escritor mui polido, e elegante: mas todos sabem os defeitos que os bons Mestres lhe tem notado, como Escritor de Historia, e quam longe estam os seus Livros de serem contados entre *os melhores que há no Mundo.* A expressam do Critico he sobre modo exagerada, e se nós nam estivessemos tam convencidos da sua vasta erudiçam, e profundos conhecimentos pelas Obras immortaes, que tem sahido da sua bem aparada penna, quasi nos persuadiriamos, só

---

quantas passagens encontraes nas Lusiadas, que sam de pura e rigoroza Historia, sam trasladadas pelo Camoens do Barros. A pag. 8. acha que Camoens tam bem *furtou a Castanheda.* A pag. 5. e 9. e no *discurso Preliminar do Gama* diz que em Camoens quasi tudo he *mera prosa*, e que o seu *estilo he pela maior parte glacial*, e perfeitamente prosaico. A pag. 21. diz que *nam há huma só Oitava nos Lusiadas, que cheire a poesia*, *que nam seja roubada Litteralmente a Aristo.* A pag. 15 diz que Camoens *roubára por todo o Poema os versos de Virgilio, e de Ariosto especialmente.* A pag. 16, 18, e seguint. diz que o Quadro de *Adamastor* he roubado a *Lucano*, sua metamorfose a *Ovidio*, e o seu Colorido a *Virgilio*, *Beniveni*, *Sanazzaro &c.* A pag. 32 *as Lusiadas sam hum tecido de incoherencias*, e a pag. 34 hum montam de inepcias; mas a pag. 23 Camoens *tinha toda a erudiçam do seu tempo, e compaginou destramente o seu Adamastor &c. &c. &c.*

por este argumento, que elle nam tem ainda lido nem *os bons livros que há no Mundo, nem os melhores de entre elles.*

Se o Critico tivesse ao menos examinado com attençam, e reflexam esse *primeiro volume da Asia Portugueza*, a que faz tamanhos elogios, acharia que a morte do grande Albuquerque vem no fim da *Segunda Parte*, e nam da *Terceira*, como erradamente escreve: e acharia tambem que Faria e Sousa nam fez mais que compendiar nas quatro partes deste primeiro volume as quatro primeiras *Decadas* do famozo Joam de Barros, aproveitando-se nam poucas vezes de suas proprias palavras, e copiando a cada passo periodos inteiros sem mudança, nem alteraçam alguma.

E nam se presuma que por este modo intentamos deprimir o Caracter deste benemerito Escritor. Elle mesmo nos diz (7) que seu intento foi compilar naquelle primeiro Tomo as quatro decadas de Joam de Barros, bem como *Lucio Floro*, e *Justino* compiláram as Historias de *Tito Livio*, e *Trogo Pompeo*, de maneira que quem tivesse a sua Asia, *podesse entender que tinha inteiramente a Joam de Barros*, *e até citálo*, *como se o tivera prezente &c.*

Mas alem disto, que comparaçam justa, e rasoavel póde fazer-se em materia de estilo entre a austera severidade da Historia, e a licença, e liberdade da Poezia? entre a elegancia ornada mas grave do Historiador, e a brilhante pompa, riqueza, luxo, e felices atrevimentos do Poeta? Como póde hum Epitome de Barros ser jámais comparado com huma Epopeia, ou *Considerado como hum Poema historico semelhante ao da Farsalia*? Ou como poderia a mesma *Farsalia*, ou outra composiçam, que a imitasse, ser preferida a Camoens por hum entendimento sam, e por hum homem de gosto?......

A resposta de Vasco da Gama ao Samorim, (8) que o

---

(7) Nas *advertencias* que vem impressas no principio do 1.º Volume da *Asia Portugueza.*

(8) *Asia Port.* Part. I. Cap. IV n.º 9.

nosso Critico acha *infinitamente superior a todas as descosidas* arengas *dos Lusiadas*, he hum discurso affectado, e cheio de artificio, que nam concorda com a nobre simplicidade, e concisam energica das fallas d'aquelle illustre Capitam, nem convem ás circunstancias, em que elle se achava. Joam de Barros satisfaz muito melhor ás leis de Historiador, quando indirectamente nos descreve a substancia da mesma resposta na Dec. I. Liv. IV. C. IX, e o Critico elogiando com tanta emfaze aquella *magnifica tirada* mostra tanto o seu máo saber, e estragado gosto, como a injustiça comque trata Camoens.

A outra falla de *Nina-Chetu* (9) que o Critico chama *estupenda prosopopeia*, e a que dá mais valor, que a todos os *corriqueiros discursos*, *que tantas vezes se escutam a Baccho, e Venus nos Lusiadas*, he ainda mais impropria das circunstancias, e por isso mesmo mais indigna do louvor de hum critico sensato, e judiciozo. Quem sofrerá na verdade que o Historiador ponha hum discurso cheio de antitheses, e subtilezas na boca de hum homem, que desatinado de insana paixam, vai lançar-se ao fogo, e commetter o mais barbaro suicidio? Compare-se outra vez este lugar com o que lhe conresponde em Barros, que he na Dec. II. Liv. IX. Cap. VI, e se verá a infinita superioridade deste a respeito do seu compilador, e quam insensatamente se prefere Faria e Souza a Camoens por aquelles mesmos discursos, que o fazem tam máo Historiador, como pessimo Rhetorico.

O Critico querendo dar-nos provas mais positivas, e individuáes do *estilo frigido, e prosaico* dos Lusiadas, recorre ao insidioso, ainda que miseravel arbitrio, que tem sido empregado em iguaes circunstancias por outros semelhantes Censores, e colhendo d'aquem, e d'alem alguns versos, ou breves frases separadas do contexto do Poeta, suppoem que isto basta para escurecer todas as bellezas,

---

(9) *Asia Portug.* Part. II. Cap. IX. n°. 6.

que nelle se encontram, e persuade-se ter provado victoriozamente o seu intento.

Nós nam seremos injustos; por que nos nam move nem a inveja do alheio merecimento, nem a ambiçam de estabelecer por opinioens extravagantes o nosso proprio credito. Confessamos que há em Camoens versos frouxos, negligencias, e defeitos de estilo: mas primeiramente quando as bellezas predominam em mui superior gráo, seguimos a prudente regra de Horacio:

. . . . ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis.

e em segundo lugar observamos com *La Harpe* (10) que na *Epistola*, no *Dramma*, na mesma *Epopeia*, e em toda a Poesia que admitte dialogo, que narra, e que discorre, devem necessariamente entrar versos, que se nam distinguem da prosa, senam pelo *metro*, ou elles sirvam de passagem de hum objeto para outro, ou exprimam cousas, que de sua natureza nam pedem elevaçam.

Por exemplo: quando em Virgil. Eneid. L. I. v. 627. Dido diz a Eneas:

Tempore jam ex illo casus mihi cognitus urbis
Trojanae, nomenque tuum, Regesque Pelasgi:

falla como se fallasse em prosa, afóra a disposiçam metrica dos vocabulos: e com tudo nenhum Critico rasoavel ousaria jámais notar por isso de *prosaico* o estilo da Eneida.

O mesmo se deve dizer das palavras de *Eneas* no Liv. II. v. 747.

Ascanium Anchisenque patrem, Teucrosque Penates
Commendo sociis. . . . .

e das outras de Achemenides no Liv. III. v. 612.

Ille haec, deposita tandem formidine, fatur:
Sum patria ex Ithaca, comes infelicis Ulixi,
Nomen Achemenides, Trojam, genitore Adamasto,
Paupere (mansissetque utinam fortuna!) profectus.

---

(10) Lycée, ou Cours de Litterat. P. III. L. I. C. I. Sect. II.

Nos quaes lugares, e em outros muitos, que se poderiam apontar dos mais insignes Poetas antigos, e modernos, se acha aquella natural simplicidade, e lhaneza, que he propria da prosa; mas accommodada aos objectos de que se trata. (11)

Longe pois de admirar-nos que Camoens em iguaes circunstancias usasse do mesmo estilo, muito pelo contrario nos pareceria estranho que hum Poeta tam judiciozo, tam discreto, e tam sabedor da sua Arte empregasse as figuras, e a pompa da locuçam poetica, onde ella nam convinha, contra o bem sabido dictame do grande Mestre.

Singula quaeque locum teneant sortita decenter.

O Critico nam só imputa a Camoens o *estilo frigido*, e *prosaico*; mas até parece julgálo inhabil para escrever duas linhas em boa prosa; porque nos diz magistralmente (pag. 7.) que *todas quantas passagens se encontram nas Lusiadas de pura e rigoroza historia; sam trasladadas de Barros*. E para mostrar-nos a realidade deste seu prodigio-

---

(11) Se nos fosse licito comparar as cousas pequenas com as grandes, e usar do mesmo artificio, que o Critico emprega, poderiamos extrahir do seu *Gama* muitos versos e frases, em que nam há nem sombra de poesia, e entam teriamos mostrado que o seu estilo he *glacial e perfeitamente prosaico*. Por exemplo no C. III. pag. 67.

> *O Gama apenas vio que ja soprava*
> *Hum vento occidental........*

No mesmo Canto. pag. 80

> *N'uma dellas o tempo se declara*
> *Em que Diogo Cam no Rio entrara*

No C. v. pag. 109

> *Que se o potente Malabar buscava*
> *Nam muito longe do Indostam se achava*

No mesmo C. pag. 113

> *Que afoito, e sem receio á terra desça*
> *E com seus olhos tudo reconheça*

E pag. 116

> *Mas quanto o Rei da terra estranharia,*
> *Se partida tam rapida soubesse!*

&c. &c.

zo descobrimento, depois de advertir-nos com profunda erudiçam que *quando Luiz de Camoens escreveo, já corria impressa a primeira década do Illustre Barros, que vio a luz em 1552, ou 1554*, e que tambem já havia apparecido *a Historia de Castanheda*; passa a dar-nos exemplos dos criminosos furtos, que o Poeta fez a estes dois Historiadores, *rebatendo* de continuo *a castigada prosa do primeiro*, *e rimando sem ceremonia a tristissima prosa do segundo.*

Em verdade, quando lemos nas *Reflexoens Criticas* esta famosa accusaçam, esperavamos achar notados grandes pedaços historicos, ou pelo menos algumas oitavas inteiras, que só com differença de vocabulos, ou de collocaçam delles parecessem tomadas de *Barros*, e *Castanheda.* Mas qual foi a nossa admiraçam, quando vimos que o Critico se limitava a apontar d'entre perto de nove mil versos (12), vinte e tantos somente, tirados dois a dois de differentes oitavas do 1º Canto dos Lusiadas, e que apenas se parecem com os lugares parallelos dos dois Historiadores por encerrarem algum vocabulo commum, ou por fallarem do mesmo assumpto!

Por exemplo: estas palavras de *Castanheda* no L. I. C. VI. " *O Sultam perguntou a Vasco da Gama se vinha de Turquia*" foram segundo a opiniam do Critico furtadas, e trasladadas por Camoens no C. I. Est. 62. aonde diz

> " *Está a gente maritima de Luso*
> *Subida pela enxarcia de admirada,*
> *Notando o estrangeiro modo e uso,*
> *E a linguagem tam barbara, e enleada.*
> *Tambem o Mouro astuto está confuso*
> *Olhando a côr, o trajo, e a forte armada,*
> *E perguntando tudo, lhe dizia*
> *Se por ventura vinham de Turquia.*"

Estoutras palavras de *Barros* na Dec. I. L. IV. C. III. " *respondeo que aquella povoaçam se chamava Moçambique*"

---

(12) Compoem-se os déz Cantos dos *Lusiadas* de 1102 Oitavas, que fazem 8816 versos.

foram tambem copiadas pelo Poeta na Oit. 54

" *Esta Ilha pequena, que habitamos,*
He em toda esta terra certa escála
De todos os que as Ondas navegamos
De Quiloa, Mombaça, e de Sofala.
E por ser necessaria, procuramos
Como proprios da terra de habitála:
E por que tudo emfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

E deste modo sam os demais furtos, que se imputam ao Poeta: á semelhança dos quaes podéra o Critico notar outros muitos, de que o proprio Camoens se nam envergonharia, como sam v.g. as palavras de *Barros* na Dec. I.L.IV.C.III. " *finalmente com estas novas, e segurança de gente..... quiz elle* (Gama) *dar pendor aos Navios, por virem já mui çujos*" furtadas e copiadas pelo Poeta na bellissima Est. 79. do Cant. V.

Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos
Nojósa criaçam das agoas fundas
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas, e immundas &c.

e as outras palavras tambem de *Barros* no mesmo Lugar:

" *porem de quanto gado vacum traziam, nunca podéram haver delles huma só cabeça: parece que o estimavam; por que alguns bois mochos, que os nossos viram, andavam gordos, e limpos, e vinham as mulheres sobre elles com humas albardas de tabûa*" *&c.*

igualmente *furtadas*, e *copiadas* por Camoens no C. V. Est. 62. e 63

" *A gente, que esta terra possuia,*
Posto que todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tam mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo, e o manso gado
Que apascentavam gordo, e bem criado.

As mulheres queimadas vem emcima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís em prosa, ou rima
Na sua lingua cantam concertadas
C'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tytiro as Camenas.

Antes de passarmos a outro assumpto, nam podemos deixar de notar ainda que os dois versos da Est. 91. do mesmo C. I.

" *A pedra, o páo, o canto arremessando,*
Da-lhe armas o furor desatinado"

sam, segundo o parecer do Critico, *furtadas a Barros na Dec.* I. Cap. IV. aonde diz

"*deffendendo-se com san coragem, a qual lhe ministrava armas de páo, pedra, dentes, e unhas*"

Mas primeiramente: este modo de citar *Barros* ou he nascido de reprehensivel descuido, ou inspirado pelo malicioso proposito de enganar o Leitor sincero, e desacautelado: porque em *Barros* cita-se a *Decada*, o *Livro*, e *Capitulo*, e nam somente a *Decada*, e o *Capitulo*, como o Critico faz constantemente. Em segundo lugar: taes palavras se nam acham em nenhum dos Capitulos de todo o Livro IV., aonde o Historiador descreve nam só os acontecimentos da Armada Portugueza em Moçambique, que he do que trata Camoens na referida Oitava, mas toda a viagem de Vasco da Gama á India até voltar a Lisboa. (13) E em terceiro lugar: he tam falso serem aquelles dois versos furtados a *Barros*, que se o Critico tivera a Leitura poetica, de que

---

(13) As palavras de *Barros*, que se nam acham no lugar citado pelo Critico, foi este busca-las muito de proposito ao Liv. I. Cap. VI. da Dec. I. aonde o Historiador trata de acontecimentos succedidos mais de 50 annos antes da viagem do Gama. E julgou que por alli se fallar de *páo*, e *pedra* tinha provado o furto do Poeta!

tanto blasona, facilmente reconheceria nelles a imitaçam d'aquelle verso de *Virgilio* no Liv. I. v. 154.

" *Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat.*"
aonde o Poeta latino nam se dedignou de empregar as *mui plebeas expressoens*, que tanto escandalisaram os delicados, e melindrosos ouvidos do nosso Critico.

Da censura geral do estilo de Camoens passa o Critico a notar *huma ficçam*, que o Poeta introduz no principio do Canto II, á qual, segundo as suas pias, e religiosas idêas, lhe parece o *ultimo excesso* do *ridiculo*, do *absurdo*, e do *abominavel.*

Nesta ficçam descobre o Critico com notavel agudeza, e com engraçada jocosidade a *metamorfose de Baccho* em *Clerigo*; *a sua Ermida*; *o Páinel da Capella-mór*; *o Diabo feito Clerigo*; *o Diabo construindo Altares*; *o Diabo adorando o verdadeiro Deos*; *o Diabo pintado em hum quadro*; e finalmente, *o Diabo com hum thuribulo na mam incensando este quadro.* (14)

Na verdade á vista de tantas cousas más, e fêas, que criou a fertil imaginaçam do Critico, era bem natural que se assustasse a sua timida piedade, sem embargo de se achar aliás familiarisada com as grandes operaçoens do Diabo introdusidas no seu *Gama*, principalmente nos Cantos V, e VII, e com as diabruras ainda mais espantosas, que a cada passo se lêm no seu tam querido, e gabado Ariosto.

Mas ainda bem que nada do que o Critico imaginou veio, se quer, á cabeça do Poeta!..... O facto he, que sabendo Camoens pela Historia que os Mouros d'aquella Costa Oriental de Africa pertenderam armar traiçam ao Heróe Portuguez, persuadindo-lhe que em Mombaça havia alguma Christandade, afim de com este artificio o moverem a fundear dentro do Porto; lançou mam desta circunstancia para ornar o seu Poema: e havendo escolhido a Baccho, como Divindade protectora da India, para prin-

---

(14) *Reflex. Crit.* pag. 10.

cipal agente dos obstaculos, que os Portuguezes encontráram no glorioso proseguimento da sua empresa, naturalmente lhe attribuio o fraudulento artificio dos Mouros, e os falsos, e fingidos signáes de christandade, com que intentáram illudir os Portuguezes.

Debaixo deste plano suppôz o Poeta que aquelle mentirozo Deos

. . . . que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruido,
Estava n' uma caza da Cidade
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christam, e fabricava
Hum altar sumptuozo, que adorava.

Suppôz mais, e descreveo a illusoria pintura, que alli se appresentou aos olhos dos Portuguezes; a veneraçam que estes lhe deram

. . . . nam vendo que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento,

e finalmente o apparente respeito, com que o mentido sacerdote em honra dos objectos alli representados

Os cheiros excellentes produzidos
Na Pancháya odorifera queimava.

Nam há pois aqui *metamorfose* alguma de *Baccho* em *Clerigo*, nem *ermida*, nem *painel*, nem o *Diabo feito clerigo &c. &c.* Tudo isto sam facecias, e donaires, comque o Critico costuma desenfastiar os leitores, e dar huma côr engraçada aos seus escritos, aliás profundos, e sustanciosos.

Tambem nada há contrario ás idêas da Theologia Christan (cujo systema o Critico deve saber) segundo aqual póde muitas vezes o espirito da malicia, e da mentira simular com algumas externas apparencias de verdadeira religiam os seus perfidos, e malignos intentos, afim de mais facilmente colher no astuto laço os incautos coraçoens dos homens.

Se o Poeta referisse singellamente (como quer o Critico)

o *que conta Castanheda* no L. I. Cap. IX, o Critico lhe chamaria entam *plagiario*, e miseravel *Copista* de *tristissima prosa*: como porem se aproveitou do facto historico para ornálo com liberdade poetica, he um extravagante, que *solemnemente delira*, e que tocou as ultimas raias *do ridiculo*, *do absurdo* e *do abominavel*! assim

. . . . *ambiguis ars stupet ipsa malis*!

O Critico rompe neste Lugar n'uma invectiva, que em qualquer escritor methodico, e sisudo pareceria hum verdadeiro delirio: tam despropositada he, e tam fora de tempo, de lugar, e da razám!

Queixa-se de Manuel de Faria e Souza *que deitou a perder o seu mesmo Commentado com a prodigioza, e recondita erudiçám, que intempestivamente acarretou* para o illustrar. Queixa-se de que com este intuito *posesse em frente* as passagens originaes de *tantos* e *tantos Poetas Italianos* entam conhecidos em Portugal. Queixa-se ao mesmo tempo de que estes Poetas Italianos sejam hoje tam *fatalmente ignorados*: e queixa-se emfim de que os Portuguezes para estrago irreparavel de sua maternal linguagem assentassem que deviam preferir a litteratura Franceza a outra qualquer erudiçam.

O noso objecto nam he defender os Commentarios, que Faria e Souza fez a Camoens, nem avaliar neste ponto o seu merecimento. Basta-nos somente advertir que á excepçam de algumas pequenas, e nam muito importantes correcçoens, que menos prudentemente fez no texto do Poeta, em nada mais *o deitou a perder* para os Leitores doutos, e entendidos; porque estes olham sempre os *Commentarios* como hum mero subsidio, que póde em algum caso illustrar os lugares mais difficeis, ou menos claros do Autor commentado, e nunca jámais como guia infallivel, daqual nos nam seja licito desviar-nos na intelligencia do mesmo Autor.

As passagens originaes dos *Poetas Italianos* com que Faria e Souza quiz enriquecer, e ornar os seus *Commen-*

tarios, nenhum pejo fazem nem ao Poeta, nem ao Critico. O Poeta nada perde com isso; e o Critico deve demais a mais comprazer-se de ver figurar distinctamente a sua muito amada *litteratura Italiana.*

Se os Poetas Italianos conhecidos n'aquelle tempo em Portugal fossem hoje tam *fatalmente ignorados*, como diz o Critico, seria na verdade huma desgraça para a nossa litteratura: mas em quanto elle nos nam der outras provas desta ignorancia mais que a sua affirmativa, ousamos desmentilo redonda e solemnemente, e protestar pelo credito de muitos eruditos Portuguezes do nosso conhecimento, que lêm com gôsto, e intelligencia as boas obras antigas e modernas dos mais insignes escritores Italianos.

Finalmente a preferencia, que os Portuguezes do seculo passado julgáram dever dar á erudiçam Franceza, era huma preferencia justa, e rasoavel, fundada na reconhecida vantagem que os escritores Francezes do sempre memoravel Seculo de Luiz XIV levavam em geral aos de toda a Europa, e na multidam de excellentes obras de todo o genero, que a França produzio n'aquella época venturoza da sua litteratura.

Se daqui se seguio o *estrago irreparavel* da nossa linguagem, nam he nisso culpada a *erudiçam Franceza*: o mesmo poderia acontecer, e naturalmente aconteceria, se os Portuguezes se inclinassem com preferencia para a litteratura Italiana.

Os culpados neste estrago sam os máos litteratos, e pessimos Escritores, que ignorando a sua propria linguágem, ou desprezando as riquezas, que ella liberalmente lhes offrece, adoptam sem necessidade, sem escolha, e sem tino os termos e frases estrangeiras, e so entam se persuadem ter escrito bem, e polidamente, quando mais se desviam do estilo, e maneiras do seu patrio idioma. (15)

---

(15) Sendo o nosso Critico tam zelozo da pureza e perfeiçam da linguagem patria, he de crer, que nada escreva., que nam

Mas bem haja o Critico! Elle nam he tam cruel que exponha aos nossos olhos as desgraças da litteratura Portugueza sem ao mesmo tempo nos dar a este respeito alguma piadosa consolaçam. Nelle mesmo temos o esteio mais firme, e mais seguro da nossa gloria litteraria! Elle mesmo nos diz com exemplar modestia que *he talvez o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo préza a litteratura Italiana, e possúe com devida estimaçam os preciosissimos thesouros dos quinhentistas Italianos, e dos que tam bem os souberam seguir, e imitar até á infernal epoca da Revoluçam.* Elle assim o mostra claramente citando nas *Reflexoens Criticas a Claudio Tolomei, a Beniveni, a Sanazzaro*, e ao *admiravel Ariosto*; e dando-nos deste modo a mais solemne demonstraçam de que só elle, e ninguem mais em Portugal sabe prezar, e ter em justo valor a litteratura Italiana, e os seus *preciosissimos quinhentistas*! Com hum litterato deste toque, que cita os Autores Italianos, e diz que os préza; que escreve *Sermoens*, e *Satyras*, *Consideraçoens Christans*, e *Poemas*; que *gosta* de *Lucano*, e de *Ariosto*, e despreza, e ridiculiza *Camoens*; com hum homem, digo, deste toque nada tem que temer a nossa litteratura Portugueza; nada de infausto lhe pode acontecer! Queira a fortuna proteger os seus trabalhos, e emprezas litterarias tanto, quanto ellas sam uteis á gloria da Naçam, e ao credito da nossa litteratura!

---

seja mui apurado, e mui perfeito. Nós por tanto, que desejamos seguir ao menos de longe a mesma trilha, pedimos-lhe muito de mercê que nos explique 1.° O que he em bom Portuguez magnifica *tirada*; *tirada* violentissima; absurdo *revoltante*; Sol *atufado* no Mar &c. &c. (Reflex. Crit. e Gam. p. 64.) 2.° O que significa *grupo* de vapor; (Gam. p. 91.) náo *supplantada* pelo pezo da agoa (ib. p. 60.) *Obeliscos que o pé dos Seculos supplanta* (ib. p. 194.) O Gama *dando as costas ao mundo* quando desaferrou de Lisboa para o descobrimento da India (ib. p. 190.) E a sepultura *comendo a tea á vida* transitoria. (ib. p. 37.) 3.° que propriedade tem estes epithetos, remos *alutados* (ib. p. 77. e 145.) Sangue *caduco* (ib. p. 69.) throno *acobertado* (ib. p. 82.) fome *horrenda* de ouro (ib. p. 38.) circulo *longo* (ib. p. 78.) &c. &c. &c.

O Critico entra finalmente no principal assumpto das *Reflexoens*, e para nos nam deixar hum só instante duvidosos de qual seja a sua opiniam a respeito do *Episodio* de *Adamastor*, de que vai a tratar, establece como *thema*, e principio geral do seu discurso que *este episodio he entre os disparates de Luiz de Camoens o maior disparate*!!!

Elle por certo nam ignora que este immortal episodio tem sido considerado em todos os tempos como hum dos mais bellos, e magestosos ornamentos dos Lusiadas, e como huma das melhores, e mais sublimes producçoens do talento poetico. Mas isso mesmo he o que mais desafia a sua raivosa inveja; porque esta paixam insana entam se accende em mais furor, quanto mais alto, e eminente vê o alheio merecimento, que a humilha.

O primeiro erro de Luiz de Camoens (diz elle pag. 13) *he fazer apparecer este Cabo feito Gigante a Vasco da Gama para se queixar delle como profanador d'aquella clausura dos mares, que elle ciosamente guardava.*

Este erro só existe na cabeça do Critico. He huma impostura o dizer que o Gigante se queixa do Gama como primeiro *profanador d'aquelles mares*: queixa-se sim em geral da Gente Lusitana, que ousára transpôr os vedados limites, e diz no C. V. Est. 41

. . . . " *O' gente ousada mais que quantas*
No *mundo commetteram grandes cousas*"

aonde se vê claro que falla com a *Naçam Portugueza*, e nam com aquella só gente, que entam hia navegando; por que logo immediatamente continúa:

Tu, que por guerras cruas, táes, e tantas,
E por trabalhos vaons nunca repousas,

O que tam somente se podia dizer dos Portuguezes em geral, e nam d'aquelles poucos, que hiam na armada do Gama: e o mesmo se collige com igual clareza da Est. 42

" *Ouve os damnos de mi, que apercebidos*
Estam a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra

Que inda hás-de sobjugar com dura guerra."

Queixa-se despois mais determinadamente *de quem o descubrio*: ib. Est. 44

" *Aqui espero tomar, se nam me engano,*
De quem me descubrio summa vingança."

Mas nem alli mesmo attribue esta ousada façanha a Vasco da Gama; antes pelo contexto de toda a oitava parece fallar ainda com a gente Lusitana em geral; porque diz

" *E nam se acabará só nisto o damno*
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos *vereis cada anno,*
Se he verdade o que meu juizo alcança,
Naufragios, perdiçoens de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte."

Mas o Critico nam se contenta com impôr a Camoens hum erro, que o Poeta nam commeteo: he de mais a mais contraditorio comsigo mesmo; porque esse erro adoptou-o elle no seu *Gam.* Cant. VI pap. 130, aonde introduz o Infante D. Henrique dizendo ao Heróe

" *Observa ao Austro a fronte alcantilada*
Do Cabo sobranceiro ao mar temido,
Onde assustado o portentozo Dias
Mais contrastar nam pôde as ondas frias."

E logo immediatamente na seguinte oitava com mais clareza

"*A ti só dado foi passar ávante*"

E outra vez no mesmo C. VI pag. 143. mostrando ao *Gama* o pedestal da sua estatua

" *Nelle esculpido via o já domado*
Cabo ate alli medonho ao navegante."

E finalmente ainda outra vez no C. VII. p. 158.

" *Temos,* bradava *o Gama, ó Lusa Gente,*
Com denodados animos vencido
Quanto espantozo tinha o mar fervente
No Promontorio nunca transgredido"

Nos quaes lugares o Critico nam tendo escrupulo al-

gum de hir contra a verdade historica, que tanto mostra zelar em Camoens, suppoem que Bartholomeu Dias chegando ao Cabo tormentozo *nam ousára de assustado contrastar mais o impeto das ondas: que só ao Gama fôra dado passar avante*, que por memoria deste feito se esculpira no pedestal de seu busto o Cabo *já por elle domado, e até alli medonho aos navegantes*: e finalmente que só o *Gama*, e seus companheiros haviam passado o Promontorio *nunca transgredido*.

Nam era Vasco da Gama o primeiro (continúa o Critico(*por que aquelle passo já estava franqueado, e aquelles mares abertos, ou descubertos por quazi toda a costa da Cafraría, e Ethiopia oriental até o padram de S. Felipe, posto pelo navegador intrepido Bartholomeu Dias, que passára, e repassára o Cabo no reinado de D. Joam* 2º

Confessamos que nam foi o Gama o primeiro que dobrou o Cabo: Camoens nam contradiz de modo algum esta verdade, como já mostrámos; nem o Gama necessitava de ornamentar-se com alheia glória para ter hum lugar mui distincto no templo da Fama: antes elle mesmo diz na Est. 65 do Cant. V.

» *Aquelle Ilhéo deixamos, onde veio*
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, e descuberto
N' aquelle Ilhéo fez seu limite certo.»

Mas he huma insigne falsidade dizer o Critico que aquelles mares já estavam descubertos *por quasi toda a costa da Cafraria, e Ethiopia Oriental*; por quanto Bartholomeu Dias nam passou alem do rio do *Infante*, que fica aos 32 gr. e ⅔ da Linha Equinocial para o Sul, e dista do Cabo da Boa Esperança por costa nam mais que cento e quarenta legoas: (16) e a costa da *Cafaria, e Ethiopia Oriental* estende-se desde o Cabo até á Equinocial, e passa ain-

---

(16) *Barros.* Dec. I. L. III. C. IV. *Castanh.* Liv. I. C. III. *Manoel Correa Comment.* á Est. 65. do C. V.

da álem para o norte da linha, de maneira que contando só desde o cabo até Melinde, d'onde o Gama navegou a leste, comprehende huma, e outra regiam mais de sete centas legoas de costa. Por onde se vê que da viagem d'aquelle insigne, e intrepido navegante apenas ficou descuberta huma pequenissima parte da dilatada costa da *Cafraria*, e nada da *Ethiopia*, vindo o Critico de hum só rasgo de penna a acrescentar ao descobrimento de Bartholomeu Dias obra de seiscentas legoas, e a collocar o padram de S. Felipe (como parece do modo com que falla) na costa da *Ethiopia*, que he hum erro grosseiro, e apenas desculpavel em algum principiante de Geografia.

Se com effeito Luiz de Camoens (acrescenta ainda o Critico) *nam queria perder o episodio, devia fazer dizer a Vasco da Gama.... que o Gigante apparecêra ao Dias, quando dobrou o Cabo, e seguir a historia de sua viagem; por que* nem tempestade alli experimentou, quando a 22 de Novembro o passára.

Se Camoens seguisse o desenho que àqui lhe traça o Critico, perderia o *episodio*, e o Poema. O Gigante apparecendo ao Dias nam tería ligaçam alguma, se nam mui remota, com a acçam do Poema; nam excitaria o interesse que o Poeta intentava, nam constituiria a principal difficuldade da navegaçam do *Gama*, e nam realçaria tanto o merecimento deste Heroe

Que o Gama nam experimentou tempestade alguma, quando dobrou o Cabo a 20 de Novembro (e nam a 22, como erradamente diz o Critico) he huma verdade historica; mas tambem Camoens nam falla de tormenta alguma que haí soffresse a Armada Portugueza; e se fallasse, teria por certo tanta liberdade para fingir este, aliás natural, e possivel acontecimento, quanta teve o Critico para levar toda a frota Portugueza *por arte do diabo* ao estreito de Magalhaens, e para depois a assombrar com a espantoza tormenta de *penhascos ardentes, e montes amassados de eterna neve*, que fizeram tremer, e quazi desmaiar o propio Gama.

Segue o Critico disputando a Camoens a *originalidade* do quadro de *Adamastor*, e aqui he que elle desenvolve com maravilhoza arte a sua profunda erudiçam, e vastos conhecimentos poeticos. Diz-nos o que he *roubar em Poesia*, e parece que nam lhe he estranho este talento. Morde de caminho em Virgilio; porque roubou *trasladando litteralmente* os versos de *Homero*, sem dizer quaes. Morde em Camoens porque roubou a *Virgilio* e a *Ariosto principalmente* trasladando tambem por todo o seu poema os versos de hum e outro. Diz-nos que quem rouba *idêas* e *imagens* mostra esterilidade na invençam, e pertence á classe dos meros versejadores. Deplora a desgraça dos homens, que quazi sempre lêm sem *profunda attençam.* Faz o elogio de *Lucano*, e a censura dos que o lêm superficialmente; e por fim de tam longo preambulo nos descobre por muita bondade sua que neste poema latino he que se acha *o fundo*, *ou a idêa matriz do decantadissimo Adamastor.* Este he o ponto. Vamos a ver se elle o prova.

Cesar tendo resolvido establecer o seu poder sobre as ruinas da liberdade Romana, e das leis da republica, passa os Alpes á frente das legioens armadas do seu mando, e chega á margem do Rubicon, pequeno rio, que divide o seu governo, isto he a *Gallia Cisalpina*, do resto da *Italia.* Neste passo se detem hum pouco, vacilla, e revolve em seu espirito as desgraças de huma guerra civil, e até a contingencia do bom exito da sua empreza. O Poeta lança mam desta circunstancia com muito artificio, e finge que a imagem da patria apparecendo ao Capitam Romano no meio da noite com semblante triste, e lagrimozo, braços nús, soltos, e desgrenhados os cabellos, lhe diz com palavras misturadas de soluços "*Aonde levais, ó Varoens, os vossos ousados passos? aonde as minhas bandeiras? Se vindes como cidadaons, se respeitais as leis, até aqui vos he permittido, e nam mais passar avante*" Cesar se horrorisa, arripiam-se-lhe os cabellos, e pára alguns momentos irresoluto; mas fazendo huma breve falla aos Deo-

ses, reanima a sua coragem, rompe as difficuldades que a sua propria razam, e coraçam lhe oppunham, ou lhe afiguravam, passa o rio, e ei-lo nos vedados campos da Italia entregue ao seu destino. Tal he em substancia o *quadro de Lucano* (17) que o nosso critico diz ser o *original de Adamastor*. Vejamos a copia.

Vasco da Gama he encarregado por El Rei D. Manuel do descubrimento da India. A pequena armada, que elle capitaneava, navega ao longo da costa occidental de Africa com prospera viagem, e chega a avistar o famoso cabo da Boa Esperança. Este promontorio parecia ser o limite posto pela natureza á ouzada afouteza dos mareantes. O intrepido Dias lhe havia dado o nome de *Tormentozo* por cauza dos grandes, e grossos mares, que alli encontrara, cheios de perigos, de tormentas, de monstros, e de mortes. Era hum passo verdadeiramente arriscado, e temeroso, que o Heroe devia vencer, e franquear para avançar em mares totalmente novos, e desconhecidos. Elle o commette. O Poeta concebe com toda a energia, e vivacidade do enthusiasmo poetico a difficil, e arrojada situaçam do seu Heróe. Todas as suas idêas se exaltam, se animam, e ganham movimento. O cabo toma em sua fertil, e ardente

---

(17) Lucan. Civil. Bell. L. I.

Iam gelidas Caesar cursu superaverat Alpes,
Ingentesque animo motus, bellum que futurum
Ceperat: ut ventum est parvi Rubiconis ad undas
Ingens visa duci Patriae trepidantis imago,
Clara per obscuram vultu moestissima noctem,
Turrigero canos effundens vertice crines,
Caesarie lacera, nudisque astare lacertis,
Et gemitu permixta loqui: Quó tenditis ultra?
Quo fertis mea signa viri? Si jure venitis,
Si cives, hucusque licet: Tunc perculit horror
Membra ducis, riguere comae, gressumque coërcens
Languor in extrema tenuit vestigia ripa.
Mox ait: O magnae qui moenia prospicis vrbis
Tarpeia de rupe tonans. . . . . &c.

fantasía a figura de um gigante horrendo, e monstruozo, de fêa, e medonha catadura, guarda d'aquelles mares, o qual despois de lançar em rostro aos Portuguezes com palavras pezadas o seu temerario atrevimento ameaça tomar delles crua vingança, e lhes prognostíca para o futuro longas desventuras, e espantosos naufragios. O Heróe menosprezando as ferozes arrogancias do gigante ousa todavia interrompe-lo, e interroga-lo com superior, e quazi sobre-humana firmeza. O monstro adoçando entam hum pouco a sua natural ferocidade toma nova linguagem, e faz ao Gama a narraçam de suas passadas aventuras, de seus mallogrados amores, e emfim de sua transformaçam n'aquelle vasto promontorio pela ira, e vingança dos Deoses. O Episodio acaba: a visam desapparece: e o Heróe triunfador continúa em sua navegaçam (18).

A' vista deste desenho, imperfeito na verdade; mas nam infiel dos dois quadros, julgue o leitor douto, e imparcial se nelles se acha, ou póde achar *a mesma imagem analoga, e semelhante* (como diz o Critico pag. 16) (19)

O Critico para dar alguma côr de verosimilhança a esta sua extravagante opiniam faz o parallelo dos quadros com expressoens escolhidas muito a seu sabor, e cuida que tendo empregado vocabulos ou frases identicas, ou analogas, logo tambem os objectos nos parecem táes.

Cesar e Vasco (diz elle) vam commetter *hum arriscado passo: Cesar em transgredir os limites prescriptos pela Republica ás legioens armadas, que eram as margens do rio Rubicon: Vasco da Gama em transgredir humas balizas, que pareciam impostas pela natureza ao atrevimento dos navegadores Portuguezes. Aqui temos os dois Heróes em identicas circunstancias.*

---

(18) Os principaes toques deste paragrafo sam tirados da *Memoria* do *Exm.° Conde da Barca*, feita em defeza de Camoens, e lida na Academia R. das sciencias de Lisboa.

(19) *A mesma imagem analoga, e semelhante*, sam vocabulos incompativeis. *A mesma* suppoem *identidade* : *analoga e semelhante* suppoem *nam identidade.*

Nós porem discorremos de mui differente modo, e havemos que as circunstancias dos dois Heróes longe de serem identicas sam pelo contrario totalmente diversas.

O passo de Cesar era na verdade arriscado: mas nam porque a passagem do Rubicon lhe opposesse alguma grande, e quasi insuperavel difficuldade fizica, como era necessario para a supposta *identidade*, e para que este obstaculo podesse comparar-se com o que o Gama encontrou em sua viagem: nem tambem precizamente porque aquelle rio demarcasse os limites prescriptos pela republica ás legioens armadas. Estes *limites prescriptos* somente vem aqui para combinarem com os outros *limites prescriptos pela natureza aos navegantes*, isto he, para affectar em palavras a *identidade* que nam há nas couzas.

O passo de Cesar era sim arriscado; porque este capitam nam podia traspassar os limites do seu governo, e pizàr o territorio de Italia á frente de huma força armada sem se constituir uzurpador da autoridade soberana, inimigo da republica, e tyranno da sua Patria. A idêa deste crime assustava o General educado no seio de huma republica, que idolatrava a liberdade. A natural firmeza, ou antes dureza do seu coraçam o desamparou por hum momento, e a liberdade, sobre quem elle hia a descarregar o ultimo golpe, lhe excitou pungentes remorsos. Este estado de huma consciencia inquieta, e agitada era a difficuldade que Cesar havia de vencer. Este estado he o que o Poeta quiz pintar fazendo apparecer ao seu Heróe a imagem da Patria angustiada, e aflicta, como se ella fosse a que lhe inspirára aquelles sentimentos. Nada disto tem o mais remoto parentesco, quanto mais, identidade, ou analogia com a situaçam do Heróe Portuguez.

O passo, que Cesar vai commetter, he arriscado por criminozo: o de Vasco da Gama por estremadamente difficil, e arduo. O Capitam Romano nam encontra na passagem do Rubicon outro algum obstaculo, senam a sua propria irresoluçam, incerteza, e receio, nascido princi-

palmente da consciencia do seu crime. O Heróe Portuguez tem de dobrar hum grande promontorio, estendido longamente em ignotos mares, infamado de tormentas, e perigos espantozos, e temerozo aos mais ousados navegantes. Cesar vence a difficuldade que lhe oppoem a sua propria razam, e sentimentos, cedendo elle mesmo á força de sua desmedida ambiçam, e desprezando as vozes com que a Patria chorosa o chamava aos seus deveres. O seu triumfo he hum crime, e o seu heroïsmo huma verdadeira fraqueza. Vasco da Gama superior ao timido receio nam hesíta, nem vacilla: afronta com nobre constancia os perigos, os medos, e as tormentas: contrasta com resoluçam heroica as forças (digamos assim) da propria natureza, e chega em certo modo a quebranta-las, e vence-las. O seu heroïsmo he tam glorioso, quam nobres, e virtuosos os motivos, que o determináram, e ventajozas ao mundo as consequencias do seu triumfo. *Aqui temos pois os dois Heróes em circunstancias totalmente diversas. Logo o primeiro fundo da scena nam foi apanhado de Lucano.* Vamos ao segundo.

Cesar (diz o Critico) *hia a passar o Rubicon: aqui temos hum nó, que chama naturalmente o maravilhoso sobrenatural.* Iá dissemos que o nó (se aqui o há) nam consistia precizamente na passagem do Rubicon. O nó estava no coraçam do uzurpador, e o Poeta podia fazer-lhe apparecer a imagem da Patria, logo que elle deo o primeiro passo para tyranizar a republica. Aliás a imagem da Patria nam he trazida aqui para *desatar o nó*, antes para *aperta-lo mais.* Consequentemente as palavras de *Horacio* citadas pelo Critico:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus inciderit..... nam tem applicaçam alguma para o nosso caso, nem vam citadas a proposito.

Personaliza Lucano (continúa ainda o Critico) *a republica Romana, ou a Romana liberdade, e faz apparecer, rompendo das nuvens, e equilibrada nos ares, no meio da*

mais profunda noite aos olhos do usurpador huma gravissima matrona de aspeito sombrío, carregado, e triste: falla-lhe: afêa-lhe o attentado que vai commeter: lembra-lhe o sangue que vai derramar: as guerras civís que vai accender: e finalmente lembra-lhe a liberdade agonizante, em cujo seio vai embeber o punhal da oppressam, e da tyrannia, fallando com tanta força, e dignidade, que vos posso certificar que he este o quadro mais acabado da fantasia humana, e que eu mesmo avezado a comtemplá-lo, porque gósto de Lucano, nam posso deixar de me sentir tocado de hum verdadeiro horror, e admiraçam: he huma das lembranças mais felices na grande arte de pintar á alma com os pinceis da Poezia levantada. Erriçam-se-me os cabellos, como succedia a Milton com a leitura de algumas passagens de Isaias!! &c. &c.

Desculpe-nos o leitor trasladar-mos aqui por inteiro este paragrafo das *Reflexoens Criticas*; porque assim foi necessario para se mostrar ao claro a má tençam, com que o Autor procede em tudo, quanto diz para deprimir o merecimento de Camoens.

He falso que *Lucano* faça apparecer a Cesar a *republica Romana*, ou a *Romana liberdade*: mas sim a *Patria*.

Ingens visa duci Patriae trepidantis imago; que he idêa mui differente (ou antes differente aspecto da mesma idêa) na consideraçam moral, e poetica.

He falso que a imagem appareça *rompendo das nuvens, e equilibrada nos ares*. Esta circunstancia he inventada pelo Critico para mostrar analogia entre esta imagem, e a de Camoens.

He falso que a Patria lembre a Cesar *o sangue que vai derramar*, *as guerras civís que vai accender*, *a liberdade agonizante*, *o punhal da oppressam &c.* Tudo isto he outra vez inventado pelo Critico para condizer com as terriveis ameaças de *Adamastor* a Vasco da Gama. A falla que a Patria faz a Cesar he a que já repetimos, simples, e breve, posto que na verdade energica.

. . . . quó tenditis ultra?
"Quó fertis mea signa viri? Si jure venitis,
si Cives, hucusque licet. . . . . ."

Nam há en Lucano mais huma só palavra, sequer, que se attribua áquella imagem.

Finalmente se este lugar de Lucano he, ou nam, capaz de produzir nos leitores os effeitos, *que produziam em Milton algumas passagens de Isaias*, julguem-no os doutos, que sabem sentir, e julgar. Nós temos isto por huma especie de blasfemia litteraria, apezar de confessarmos que esta ficçam de Lucano he bella, ainda que por desgraça seja a unica, que se encontra em toda a *Farsalia*.

O Critico recapitula emfim as *identidades*, *analogias*, e *semelhanças*, que acha nas duas imagens; e diz com muita satisfaçam: *ambas sam imagens fantasticas, ainda que differentes entre si*, como pediam *as circunstancias*. Mas se as *circunstancias* dos dois Heróes eram, há pouco, *identicas*, como sam agora *differentes*? e se as imagens fantasticas sam *differentes*, como podem ser *identicas*, e *analogas*? A palavra *differente* exclue *a identidade*, e *a semelhança*. Veja pois o Critico em que difficuldades se vai metendo!

A Cesar (diz elle mais) *apparece a imagem da republica, que elle hia tyrannizar: á Vasco da Gama a imagem do cabo que elle hia a passar. A appariçam da republica a Cesar he feita de noite: a appariçam de Adamastor tambem he de noite.* Logo temos duas imagens, que apparecem de noite, e nada mais. Tambem as imagens de *Heitor*, e de *Venus* apparecem de noite a *Eneas* (Eneid. L. II. v. 270, e v. 589.) e ninguem dirá que estes dois bellos quadros de Virgilio sam os originaes de Adamastor. Tambem os rios *Indo*, e *Ganges* apparecem de noite a ElRei D. Manuel debaixo de imagens fantasticas, (Lusiad. C. IV. Est. 71) e nam sam copias do quadro de Lucano &c. &c.

Ambos os fantasmas rompem do seio de carregadas, e espessas nuvens. Já dissemos que nam há esta circunstancia

em *Lucano*, e nem huma só palavra que a dê a entender. O Poeta só diz que a imagem apparecêra a Cesar por huma noite escura. . . . . .

. . . . *Patriae trepidantis imago*
Clara per obscuram *vultu moestissima* noctem.

Ambos (conclue emfim o Critico) *na essencia*, *no tempo*, *e no lugar*, *nos fins*, *ou nos motivos finaes do seu respectivo apparecimento conservam vizivel identidade*. Se a essencia de hum quadro consiste precizamente em ser *imagem fantastica*, concedemos que os dois quadros de *Lucano*, e *Camoens* tem *visivel identidade*: mas nesse cazo tambem seram *identicos* os quadros, que nos mostrarem v.g. a *Primavera* na figura de huma bella rapariga coroada de rosas; a *Morte* na de hum mirrhado esqueleto armado de fouce; e o *Amor* na de hum minimo travesso com sua aljava, e setas &c. porque em realidade todos estes quadros sam *imagens fantasticas*.

O tempo, em que a imagem apparece, nada tem com a natureza do quadro, e sómente serve no nosso caso para fazer verosimil a illusam, que os dois Poetas intentáram.

O lugar, que sendo considerado fisicamente he diversissimo em *Lucano*, e em *Camoens*, nam o he menos na consideraçam poetica, e com respeito á acçam; por quanto, aonde a Historia diz que Cesar *vacillára*, ahi concebeo o Poeta a imagem da Patria, inspirando-lhe os receios, e remorsos que o agitavam: e pelo contrario, aonde a Historia diz que Vasco da Gama *afrontára denodadamente o Cabo*, ahi finge Camoens o Gigante queixando-se do seu arrojo, e ousadia. O succeder o primeiro facto *á margem de hum rio*, nam lhe dá com o segundo mais identidade, ou analogia, do que na verdade há entre o alto, e tempestuoso mar, e hum pequeno riacho, que segundo o proprio Lucano

Fonte cadit modico, parvisque impellitur undis.

Ultimamente até os *motivos finaes* das duas appariçoens sam differentissimos entre si: porque a imagem da Patria

em *Lucano* lembra a Cesar os deveres que tem como Cidadam Romano, e intenta suspender os effeitos da sua criminosa ambiçam: a imagem de Adamastor em *Camoens* queixa-se da affronta recebida, e pertende com terriveis, e espantosas ameaças desviar o Heróe de huma empreza util, e glorioza. Por onde os motivos finács do primeiro apparecimento nam semelham com os do segundo, *senam* somente na idêa mui generica de *desviar o Heróe do commettimento intentado*, o que nam basta para constituir a supposta identidade: aliás todos quantos quadros se encontrassem na Poesia, tendentes a *desviar alguem de alguma empreza*, ou *a fazer-lha commetter* seriam respectivamente identicos nos seus *motivos finács*, que he hum absurdo inadmissivel, e que nam cabe em algum bom juizo.

Reduzindo-nos agora a poucas palavras: o que constitue a semelhança de dois quadros deve procurar-se na *invençam*, no *desenho*, e na *execuçam*.

Na *invençam*: he cousa mui facil, e de leve esforço para qualquer mediocre engenho levantar na fantasia a *imagem da Patria*, isto he, de hum *ser moral*, aquem na propria linguagem ordinaria, e familiar personalizamos, e attribuimos o nome, as propriedades, e os caracteres de huma verdadeira *Mâi*; mas he de huma força extraordinaria, e nam vulgar de imaginaçam criar, e animar a imagem de hum *ser bruto, e insensivel*, que nam offerece (digamos assim) hum só ponto de contacto com os seres animados, que conhecemos, e tratamos. Este he verdadeiramente o gosto da sabia primitiva antiguidade, que descrevendo em formosas, e bem achadas allegorias os seres fisicos, e as suas qualidades, e relaçoens povoou o Ceo de Divindades, e a terra de Heróes, e pôz em acçam, e movimento toda a natureza.

No *desenho*: pouca arte tambem he preciza para delinear com regularidade, e proporçam a imagem da Patria debaixo da figura de huma mulher, de que a natureza nos offerece tantos modelos, e para indicar em seus

attributos as particulares qualidades, que se lhe querem attribuir. Mas he precizo, por certo, genio mui superior para desenhar com proporçoens convenientes hum gigante de feia, e horrenda catadura, cujo modelo somente pode existir na fantasia do artista, e para indicar, e exprimir com attributos proprios o objecto fisico, a que se refere a imagem, e as suas principaes qualidades, e relaçoens.

Na *execuçam*: he bem de ver que nam há neste ponto analogia alguma entre os dous quadros; e basta para demonstraçam disto a simples leitura de hum, e outro Poeta. Pelo que, e por nam abusarmos mais da paciencia dos nossos leitores em cousa tam manifesta, nos dispensamos aqui de mais extensas reflexoens a este respeito.

Passemos (diz o Critico) *a ver como nam só o desenho do quadro he emprestado, e alheio; mas até o mesmo colorido.... Começa pelo vôo da nuvem, que vem pousar sobre a cabeça do Gama.*

Esta *nuvem a voar*, e depois *pousada sobre a cabeça do Gama*, he toda da invençam, e desordenada fantasia do nosso Critico. Em Camoens nam se lê nem *nuvem a voar*, nem *nuvem pousada*.

O Critico acaso nam entendeo a verdadeira significaçam da preposiçam *sobre*, de que usou o Poeta neste verso

"*Sobre nossas cabeças apparece*"

Pouco importa que elle se lembre neste lugar dos versos de Virgilio no Liv. III. v. 194

"*. . . . . . Coeruleus supra caput astitit imber,*
Noctem, hyememque ferens, et inhorruit unda tenebris"

e que tambem julgue esta que chama *imagem* litteralmente *apanhada* de *Beniveni* na Eglog. III

Subito d'atra nube un denso velo
L'aria coperse.

Semelhantes reflexoens sam de mui pouca monta aos olhos do leitor judicioso, e somente servem para mostrar o curioso empenho, com que o Critico busca todos os meios

de vilipendiar o merecimento do nosso Poeta, como se Camoens nam fosse capaz de produzir estes dous versos

Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece,

sem os ir mendigar aos Poetas Latinos, ou Italianos! Mas dado que entre os lugares apontados haja a analogia, que o Critico lhe suppoem, o negar por isso a originalidade do grande quadro de *Adamastor*, ou ainda do seu colorido, e o sublime magisterio do Poeta Portuguez, seria o mesmo que censurar alguma das immortaes pinturas de *Rubens*, ou de *Rafael*, só porque nella se achasse hum pequeno rasgo, ou linha, que tivesse semelhança com a de algum outro pintor.

Nam he menos insensata a outra reflexam, que faz o Critico a respeito destes versos da oitava 38

"*Bramindo o negro mar de longe brada*
Como se désse em vam n'algum rochedo:"

porque confessando, á pura força da verdade, que *esta imagem he grande, e pompoza*, logo deprime o merecimento de Camoens com dizer que he *manifesta traducçam* dos versos de Virgilio

Et gemitum ingentem pelagi, pulsataque saxa
Audimus longe, fractasque ad littora voces.

sobre o que, nam nos atrevendo a mandar o Critico á escola para aprender melhor o que he *traducçam*, somente lhe advertimos aqui que sam cousas mui differentes *imitar*, e *traduzir*, e que o nosso Poeta, se por ventura teve o designio de imitar neste lugar a Virgilio, o fez por certo com grandissima ventagem ao Poeta Latino, cujos toques nam sam de tam facil effeito como os de Camoens: e bastaria, para o mostrarmos, analisar simplesmente a combinaçam de sons, e articulaçoens, que Camoens escolheo com tanto gosto, e discernimento para dar energia, e vivacidade á sua pintura, e compará-las com as que se acham empregadas pelo Poeta Latino.

Segue-se (diz o Critico) *a soberba pintura do Gigante*:

soberba na verdade, e digna da admiraçam de todo o homem, que tem gôsto em poesia; mas o Critico nam pode soffrer que Camoens produza cousa alguma boa; e nesta mesma bellissima, e imcomparavel pintura vem lançar com sua mam impura algumas nodoas, que a desfigurem, se possivel for.

Acha em primeiro lugar que este retrato de Adamastor *começando com pompa, acaba ridiculamente com o verso*

"*A boca negra, os dentes amarellos.*"

E as razoens, que dá deste seu juizo, sam mui singulares, e (se havemos de dizer o que entendemos) verdadeiramente *ridiculas.*

Diz que *esta circunstancia nam caracteriza hum gigante, e pode ser propria de qualquer pigmeo*: sem advertir que Camoens nam quiz somente pintar hum *gigante*; mas hum gigante *feio*, e *horrendo*: nam só quiz mostrar a grandeza desmedida do seu corpo monstruozo; mas tambem a horrenda catadura do seu semblante, e isto com cores apropriadas á natureza do monstro, que descrevia. Por onde a *boca negra*, e os *dentes amarellos* ficam sendo de grande belleza neste lugar, e acabam perfeitamente o quadro, que o Poeta traçára em sua fecunda imaginaçam.

Se Camoens houvesse de excluir deste painél todas as circunstancias, que nam dizem respeito *á grandeza corporal* do Gigante, limitar-se-hia somente aos primeiros tres versos desta estancia:

Nam acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar robusta, e valida,
De disforme, e grandissima estatura,

e omittiria tudo o mais, que *pode ser proprio de qualquer pigmeo*; porque na verdade hum pigmeo pode muito bem ter

O rostro carregado, e a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena, e palida,

Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Mas nesse cazo desapareceria totalmente a pintura; e bem que o Critico ficasse contente, e satisfeito, nós perderiamos hum dos mais bellos quadros, que se encontram na poesia heroica.

Diz em segundo lugar que *he huma grande inverosimilhança dizer-se o Retratista* (isto he o Gama) *aterrado com a vista do Gigante, com o fragor dos mares, com a obscuridade, e densidade da nuvem &c., e ficar-lhe ao mesmo passo tam livre a attençam, que lhe nam escapasse o accidente da côr amarella dos dentes.*

Nós perguntamos ao Critico aonde se confessou o Gama *aterrado* com esses espantos? Se elle fosse tam medrozo como isso, nam acabaria certamente a sua empreza: e se confessasse o seu medo, nunca seria cantado por Camoens. Lêa o Critico a Estanc. 49, aonde o Gama diz

"*Mais hia por diante o monstro horrendo*
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: quem és tu, que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado? &c."

e veja se o Gama ficou com effeito tam *aterrado* com a vizam, e tam perturbado de medo, que nam podesse ver as feiçoens do gigante?

Diz ultimamente que o excellente verso do Poeta

"*O rostro carregado, e a barba esqualida*"

he tomado de Sanazzaro na Eglog. 8ª da celebre Arcadia

"*Con chiome irsute, e con la barba escalida;*"

mas nós nam achamos identicas em hum, e outro verso, senam as duas palavras *barba esqualida*; e nam julgamos que Camoens precizasse de fazer tam mesquinho furto ao Poeta Italiano. Antes se o Critico escrevesse de boa fé, e tivesse a erudiçam, que tanto alardêa, mais de pressa acharia o verso inteiro do seu Sanazzaro tomado de Virgilio no Liv. II. v. 277.

"*Squallentem barbam, et concretos sanguine crines.*"
Isto (continúa o Critico) *he por miudo*; *porque a pintura em grande he roubada ao sempre roubado Ariosto*: *porque nam há huma só oitava nos Lusiadas*, *que cheire a Poesia*, *que nam seja roubada litteralmente a Ariosto* (20).

Para nos dar huma prova desta insigne falsidade deixa o Critico por hum pouco o *Episodio de Adamastor*, que hè do que se trata, e vai buscar ao Canto IV de Camoens a bellissima Oitava 28

"*Deo o sinal a trombeta Castelhana*
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medrozo:
Ouvio o Douro, e a terra Trastagana,
Correo ao mar o Tejo duvidozo,
E as mâis, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram:"

da qual diz mui desassombradamente que he roubada a Ariosto. O lugar do Poeta Italiano, que o Critico nam cita, (acazo para evitar o exame) he no Cant. XXVII. Est. 101. A oitava he esta

"*Tremó Parigi*, *inturbidossi il Senna*
A l'alta voce, *a quell' orribil grido*:
Rimbombó il suon fin a la selva Ardenna
Si che lasciar tutte le fiere il nido.
Udiron l' Alpi, *e il monte de Gebenna*,
Di Blaja, *e d' Arli*, *e di Roano il lido*
Rodano, *e Sonna udi*, *Garonna*, *e il Reno*
Si strinscro le madri i figli al seno.

A' vista destas duas oitavas decidam os nossos leitores,

(20) Admira na verdade que, vendo, e notando o Critico tantos furtos feitos por Camoens a Ariosto, nam tenha visto os que Ariosto (muito mais á escancara, como dizem) fez a outros Poetas. Para exemplo contentamo-nos com citar somente o Cant. X. do *Orlando furioso*, que desde a Est. XX. até XXXIV. he copiado quazi á letra de Ovidio nas Heroid. Ep. X.

sè a de Camoens se póde dizer furtada a Ariosto; se nam he mui superior a esta ultima na força, vivacidade, e energia da expressam; e se há paciencia que seja bastante a supportar os impertinentes disparates do Critico, e a sua petulante mordacidade! Digam-nos se na oitava de Ariosto se acha hum verso tam harmonioso como este do Poeta Portuguez

"*Horrendo, fero, ingente, e temerozo*"?

huma hypotiposis tam viva como a do terceiro, e quarto verso

" . . . . *Guadiana*
Atraz tornou as ondas de medrozo"!(21)

e huma expressam tam feliz como a do sexto verso:

"*Correo ao mar o Tejo duvidozo*"!

Digam-nos emfim se a ultima circunstancia descrita nos versos setimo, e oitavo de Camoens (que he a unica em que conformam os dous Poetas) nam he mui superior á de Ariosto em harmonia, e elegancia, e sobretudo no optimo emprego daquelle diminutivo *filhinhos*, que tanta graça, e sensibilidade acrescenta a esta imagem! Mas estas bellezas só as pode julgar, quem sabe sentir; e nós temos o disgôsto de nam poder esperar tanto do nosso Critico.

Tornemos a Adamastor (diz elle) cujo retrato he copia da pintura original de Ariosto, quando descreve o gigante Brunel no Cant. III. Est. 72.

. . . . *ha il capo ricciuto*
Le chiome ha nere, ed ha la pelle fosca
Pallido il viso, oltre il dover barbuto
Gli occhi gonfiati, e guardatura losca,
Schiacciato il naso, e nelle ciglia irsuto.

O Critico falla sempre na errada opiniam de que *he elle o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo preza a litteratura Italiana*: porque se elle entendesse que al-

(21) Bella imitaçam de Virgil. Eneid. L. VIII. v. 240.
Dissultant ripae, refluitque exterritus amnis.

guem mais sabia ler *Ariosto*, certamente nam escreveria com tam ousada, e presumpçoza temeridade.

Este *Brunel*, que o Critico chama *gigante*, nam he *gigante* em *Ariosto*, como se vê de todo o contexto deste Poeta no lugar citado, e muito especial, e claramente dos primeiros dous versos da oitava, omittidos muito de proposito pelo Critico

> "*La sua statura, acció tu lo conosca,*
> *Non é sei palmi, ed ha il capo ricciuto &c.*"

As feiçoens, que Ariosto lhe attribue, tambem nam sam as feiçoens de Adamastor, nem com ellas se parecem. Em Adamastor nam achamos *pelle fusca*, *cabellos negros*, *barba povoada*, *olhos papudos*, *vista torva*, *nariz escachado*, *celhas hirtas &c.* Ainda menos achamos em Camoens cousa alguma, que se pareça com os dous máos versos, que fecham a oitava de Ariosto

> *L' abito, acció ch' io lo dipinga intero,*
> *E' sretto, e corto, e sembra di corriero.*

Como he pois possivel que, sem extrema ignorancia junta com a mais atrevida, e disfárçada presumpçam, nos diga o Critico que esta pintura he o *original do retrato* de Adamastor, e que *sam estas as fontes, donde correo o immortal Episodio* de Camoens?

Daqui passa o Critico á metamorfose de Adamastor, e sem ceremonia decide que *he identica sem omittir cousa alguma notavel* com a do *Astronomo Atlante* descripta nestes versos de Ovidio L. IV. das *Metamorf.* Fab. 17.

> *Quantus erat, mons factus* Atlas, *nam barba comaeque*
> *In silvas abeunt, juga sunt humerique, manusque.*
> *Quod caput ante fuit, summo est in monte cacumen.*
> *Ossa lapis fiunt: tum partes altus in omnes*
> *Crevit in immensum . . . . . . &c.*

Mas nós com igual semceremonia lhe respondemos que nam há nos versos de Ovidio huma só circunstancia de que Camoens se valesse na sua metamorfose, á excepçam d'aquellas palavras "*Ossa lapis fiunt*" que o Poeta Por-

tuguez mui felizmente traspassou neste verso:

"*Em penedos os ossos se fizeram.*"

Tudo o mais da metamorfose he apropriado, como devia ser, ás particulares circunstancias de Adamastor: nem era possivel que o superior genio de Camoens nam conhecesse, ou nam aproveitasse estas circunstancias, e as ventagens poeticas, que ellas lhe offereciam, para imaginar huma transformaçam differente de todas as que achamos descriptas no Poeta Latino.

Aquella mesmissima Oitava 56 (continúa o Critico) *que a todos parece tam bella, e que até no discurso preliminar* do P. *Aquino vem citada como hum modelo de Poesia*

"*O! que nam sei de nojo como o conte &c.*"

he furtada, meu Attico, he furtada. . . . . . A primeira idêa foi tomada em Ovidio:

"*Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui &c.*"

O Critico he tam infeliz que, para aniquilar o preço dos melhores lugares de Camoens, se vê obrigado a mostrar, ou que nam entende o Latim, ou que a sua paixam o desatina a tal ponto, que parece nam o entender.

O que Ovidio quer dizer no lugar citado (Heroid. Ep. X. v. 49, he que *Ariadne*, havendo sido desamparada por Theseo, hia muitas vezes á praia, onde elle embarcára, e que ahi assentada em *hum penedo*, e *immovel como o mesmo penedo* lamentava em silencio a sua saudade, e a auzencia do seu amante:

"*Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi;*
Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui."

O pensamento de Camoens he mais bello, mais vivo, mais animado; a imagem mais energica, a frase mais elegante, mais nobre, e mais expressiva.

As palavras de Ovidio foram sim *copiadas litteralmente*, mas foi por *Ariosto* no C. X. Oitav. 34

"*Or si ferma su un sasso, e guarda il mare,*
Ne' *men d'um vero sasso un sasso pare.*"

e pessimamente imitadas pelo Critico no seu Gama. C. II. pag. 47.

"*O corpo immobil, taciturno, e quedo* (22)
Julgar-se pode parte do penedo."

assím como depois imitou tambem pessimamente a Camoens no outro lugar do *Gama* C. IV. pag. 96.

"*Como a pár d' hum rochedo outro rochedo*
Mudos, quedos estam no alpestre monte;
Hum Luso, e outro Luso immobil, quedo,
Estático se olhava fronte a fronte."

Temos visto até aqui que o Critico, quando imputa algum furto a Camoens, nam se contenta de apontar hum só Poeta roubado; mas nomêa dous, ou tres, com o intuito certamente, ou de ostentar a sua vasta liçam, ou de segurar deste modo a sua calumniosa impostura.

Aqui segue fielmente o mesmo methodo. A primeira idêa da excellente oitava 56 *foi tomada em Ovidio, que Camoens lia muito. Todos os outros atavíos sam do fertillissimo, e inexaurivel Ariosto: e Claudio Tolomei, mais antigo ainda que Ariosto, deo a Luiz de Camoens a famozissima oitava por inteiro* (23).

De Ovidio ja fica dito. *Os atavíos* descobre-os o Critico em *Ariosto*; mas como os descobre? Vai buscar ao Cant. XXII. Est. 111. do Poeta Italiano estes dous versos

"*Rimase alfin con gli occhi, e con la mente*
Fissi nel sasso al sasso indifferente."

---

(22) *Corpo taciturno* certamente nam he de *Ovidio*, nem de *Ariosto*, nem de *Camoens.*

(23) He bem digno de admiraçam, e nam menos de inveja o espirito analytico, e *esmiunçador* do nosso Critico. Elle sabe com admirável arte dividir, e subdividir os objectos, volta-los de todas as faces, comtenpla-los a differentes luzes, e achar tudo quanto quer, e a onde quer! Quando trata do *Episodio de Adamastor* divide o pobre Gigante em *idêa matríz*; *imagem ou quadro*, *colorido ou accidentes*; *pintura ou retrato por miudo*; *pintura ou retrato em grande*; *metamorfose*; e outras miudezas. A *idêa* matriz, e *imagem* diz que sam de *Lucano*; o *colorido*, ou accidentes de *Virgilio*, *Beniveni* &c., a *pintura* por *miudo* de *Sanazzaro*; o *retrato em grande* de *Ariosto*; a *metamorfose*

Torna depois atraz ao Cant. X. Oit. 34. para achar o outro verso

"*Ne' men d' un vero sasso un sasso pare*,"

e unindo os tres versos, como se fossem seguidos no Poeta Italiano, julga que tem enganado os leitores, e demonstrado o seu intento.

Nós (desprezada, como merece, a ridicula e mizeravel astucia do Critico) entendemos que os versos citados de Ariosto, ou se considerem separados, como vem no Poeta, ou unidos, como vem no Critico, nenhum parentesco tem com a inimitavel oitava de Camoens, salvo se para isso basta fallarem mais de huma vez em *penêdo*. Faça o leitor alguma reflexam, e dispense-nos de gastar mais tempo em cousa tam óbvia, e tam palpavel.

Mais facil nos parece de crêr que o verso de Tolomei

"*Qui mirar me par quella, e miro un sasso.*"

désse occaziam á lembrança de Camoens: mas dado que assim fosse, que differença de hum a outro! Qual Poeta se envergonharia de tam feliz roubo! Qual pelo contrario se nam jactaria de furtar por tam admiravel modo!

Até aqui (diz o Critico a pag. 24 ao seu *Attico*) *nam vemos mais que infecundidade na alma do Poeta* . . . *e para salvar a honra de Camoens, eu direi que foi preguiça*! Nos nam podemos culpar de *infecunda a alma* do Critico, nem

---

de *Ovidio*. A oitava 56, que ainda pertence ao *Episodio*, he tambem dividida em *primeira idêa, atavíos, e oitava por inteiro*. A *primeira* idêa he de *Ovidio*; os *atavíos* de *Ariosto*; a *oitava por inteiro* de *Tolomei &c. &c.* De todos estes retalhos *destramente compaginados por Camoens* (como diz o Critico) he que rezultou o *maior dos seus disparates*, *a maior de suas incoherencias*: porque no grande Episodio de Adamastor *quiz o Fado que nam houvesse circunstancia alguma, por minima que fosse, que se nam tomasse fiada dos Latinos*, e *Italianos*. Pouco adiante há-de dizer-nos que no Episodio há cousas, que sam *privativamente de Camoens*; e que nestas he que se acha o *ridiculo*, o *absurdo*, o *inverosimil*, e o *pueril* &c..... Eis aqui o que he fallar em *Portuguez claro*; e discorrer *sem o mais ligeiro viso de prevençam*!!

tam pouco precizamos de dar-lhe a disculpa de *preguiçoso.* *As Reflexoens criticas* mostram quanto elle he fecundo em embustes, falsidades, ignorancias, e mentiras; e que todos estes avessos longe de terem origem, talvez innocente na preguiça, nascem pelo contrario da sua activa, e raivoza inveja, da sua desmedida presumpçam, e da sua ignorancia atrevida, e insolente.

Agora vejamos o que he privativamente de Camoens, e descubriremos que tudo he *ridiculo, absurdo, inverosimil, e pueril.* Sigamos o Critico, para vermos, e admirarmos como elle nos demostra cousas tam novas, e tam inauditas!

A sua primeira reflexam he que o nome de *Adamastor se encontra unicamente em Claudiano.* Mas ou se encontre só em Claudiano, ou tambem em outros Autores, ou em nenhum, nada se segue dahi para o louvor, ou censura do Poeta: e pelo que toca ao Critico, ja ficamos sabendo que tambem tem liçam de *Claudiano*, e de todos os mais escritores antigos, e modernos, em que podia encontrar-se o nome de Adamastor!

Nota mais que o Gigante sendo irmam d'aquelles que quizeram, pouco tempo despois da formaçam do mundo, dár huma escalada ao Ceo, nam entrásse todavia nesta conjuraçam, visto que *a sua teima era andar em busca da armada de Neptuno.* E aqui diz o Critico cousas mui galantes para ridiculizar a *patente de Capitam do mar*, que suppoem em Adamastor, e as *nãos de linha de Neptuno*, e a *esquadra do Gigante &c. &c.*

Aos motes, e facécias do Critico nada respondemos; porque ainda nam estudámos a sua linguagem. Ao que pode porem haver de serio, ou parecê-lo na sua nota contentamo-nos com repetir a excellente, e judicioza reflexam do *investigador Portuguez em Inglaterra* N.12.pag.38.

" A sagacidade do Poeta (diz o douto A. deste Art.) nam he menos conspicua em escolher da mythologia hum gigante, nam que tivesse escalado os Ceos, mas que ti-

vesse accommettido o imperio das ondas, e que mui propriamente increpa da maneira mais energica, e tocante os Portuguezes da mesma temeridade, e os ameaça com o seu castigo, e mais terriveis desastres. Isto he que se chama crear: isto he apprezentar o sublime em todas as suas relaçoens &c."

Por outra parte nam julgamos que a ficçam da *Armada de Neptuno*, ou da *armada de Adamastor*, e o nome, que a este se dá, *de Capitam do mar* seja mais inverosimil, ou mais ridiculo, ou mais digno dos motejos do Critico, do que a idêa da *carroça, e cavallos de Neptuno* em Virg. L. 1. v. 160.; a dos *cavallos, e coche do sol* em Ovid. Metamorph. L. II., e outras muitas semelhantes, com que os grandes genios tanto tem enriquecido, e aformoseádo o vasto imperio da poesia.

Tampouco se devem attender os ridiculos, e pouco decentes motejos, com que o Critico censura os amores de *Adamastor* com *Thetis*, e a intervençam de *Doris* no manejo destes amores. O Critico olha para estas ficçoens, como o espectador idiota olharia para hum bello quadro allegorico, do qual ignorasse a substancia, e o valôr. A sua alma parece absolutamente inaccessivel aos deliciosos sentimentos, que costumam produzir as graças encantadoras da sublime poesia.

Os amores de Adamastor com Thetis sam mui judiciosamente, e com grande arte introduzidos neste Episodio para servirem de fundamento á transformaçam do gigante naquelle vasto promontorio, e para fazerem até interessante a sua situaçam. Eis-aqui o que a este respeito diz a memoria, que já citei, e a cujas reflexoens se nam pode negar mui distincto merecimento.

" *Mr. de la Harpe* (diz ella) acha que a fabula dos amores de Adamastor para com Thetis he pouco interessante. Esta sua opiniam he mais huma prova de que elle nam sentio o Poeta. Camoens sempre extraordinario neste Episodio me parece ter superado huma difficuldade quasi

invencivel, quando depois de ter infundido espanto pelo primeiro aspecto, e pela falla de Adamastor acha o segredo de attrahir sobre este monstro pela sua segunda falla huma especie de interesse, e até de compaixam, diminuindo assim o terror, que as suas primeiras ameaças infundiram nos companheiros do Gama. Era natural que estes constrangessem o seu chefe a voltar á patria; mas o Poeta, humanizando de alguma sorte Adamastor na segunda falla, destróe assim o effeito da primeira: as difficuldades seram vencidas, e o cabo será dobrado &c."

A intervençam de *Doris* nestes amores nada tem de inverosimil segundo a idêa, que a fabula nos dá das suas divindades. O Critico censura a *Faria e Sousa*, porque querendo explicar a propriedade, com que o Poeta escolhera a Doris para aquelle ministerio, diz que *era já velha*, e em abono da sua censura traz a grande razam de que as *divindades nam estam sujeitas ás injurias do tempo, e da velhice*! O'que bella razam por certo! quanto he filosofica! quanto digna dos talentos do Critico! Ovidio a ignorava quando disse no Liv. XI. das Metamorf.

Namque senex *Thetidi* Proteus; *Dea, dixerat*, *undae,*
Concipe: *mater eris* juveni, *qui fortibus actis*
Acta patris vincet. . . . . . *&c.*

Virgilio a ignorava quando no Liv. VII. da Eneid. v. 308. pôz na boca de Juno estas palavras

Ast ego, magna Jovis conjux nil linquere inausum
Quae potui infelix, *quae memet in omnia verti,*
Vincor ab Aenea. . . . .

E Homero tambem a ignorava, quando nos pintou os seus Deoses sujeitos a todas as paixoens, enfermidades, e fraquezas humanas, derramando lagrimas, dando suspiros, e até algumas vezes feridos pelos homens, como *Marte* por *Diomedes &c. &c.*

Se Doris era, ou nam, mais velha que Thetis, *apezar de ser esta já entam cazada com Pelêo, e mâi de filhos*, examine-o o Critico, se podér, na genealogia des-

tas divindades; mas saiba desde já (para se nam equivocar no exame) que há na fabula duas *Thetis*: huma *Rainha do mar*, cazada com o velho *Oceano*, e mais velha que *Doris*; e outra mais moça, *Princeza das aguas* (como lhe chama o Poeta) que foi mulher de *Pelêo*, e he a de que se trata neste Episodio. Em paga desta noticia pedimos ao Critico mui encarecidamente que nos diga tambem quem he aquelle *Dom Leonardo de Sá*, que elle faz morto na costa da Cafraría em companhia de *Manuel de Souza de Sepulveda*, quando (a pag. 28. das Reflex. Crit.) falla tam lepidamente do *dom de profecia de Adamastor*!

Na *lograçam que Thetis, e Doris pregâram ao Gigante* (esta he a linguagem gravissima, e decentissima com que se explica o Critico) nam há *metamorfose alguma*; nem o *Gigante era cégo*, como o mesmo Critico mui avisadamente nos adverte, nem a *pedra estava alli*, nem nós sabemos *quem a pôz, quem a fêz, quem a trouxe*, e *quem a afeiçoou em Thetis*. E na verdade como poderiamos hoje saber, ou averiguar, depois de passados tantos séculos, esta formosa antigalha para desatarmos o implicado nó, com que se acha prezo o nosso Critico? . . . Mas entam lhe poderemos acazo explicar esta difficuldade, quando elle nos disser, por que artes o *senhor do inferno* poude tirar das montanhas de Iava hum *penhasco ardente*; dissolver com elle *montes amassados de neve eterna*, que

"*Em grandes massas pelo mar* escôam";

arremessar contra as náos portuguezas (ao passar o cabo da Boa Esperança) *congellados montes*, e *frigidos colossos*; excitar por este modo huma tempestade *milagroza* por ser

"*Do mundo ás leis universáes alhêa*!"

e de mais a mais aterrar ainda os pobres navegantes com a pavoroza appariçam de hum *fantasma*, que ao mesmo tempo

"*Que a terrivel catastrofe carpía*"

lançava contra os Portuguezes soberbas ameaças; lem-

brava-lhes com grande tino politico que

"Hum reino em sangue, em lagrimas fundado
Nam póde ser feliz, nem permanente";

e finalmente se desfazia em *centelhas fulgurantes*, fazendo que as *ondas ao longe parecessem transformar-se em chamma pura*, *ou em brilhantes fósforos &c. &c.* (24)

O Critico sempre benigno, e sempre propenso para o bem lá acha todavia *alguma disculpa* ás incoherencias de Camoens na *preçipitaçam com que elle escrevia, e rimava tudo, quanto lhe lembrava.* O que porem lhe nam póde desculpar, sam *as faltas de juizo*! e huma das mais notaveis, que nelle descobre, consiste em que o *Gigante, tendo mudado da natureza sensivel, e intelligente para huma natureza insensivel, e isto pouco depois do desenvolvimento do Cháos, fosse tam geografo, e tam estudioso, já feito montanha, que tivesse conhecimento, e liçam do Grego Ptolomeo, de Estrabam, de Pomponio Mela, e de Plinio o naturalista; &c.*

Mas a falta de juizo (se nisto há alguma) está toda na má cabeça do Critico. O *Adamastor*, ou fosse *gigante*, ou fosse *montanha*, he certo que era guarda d'aquelles mares desde tempos antiquissimos, que *tocam quazi no principio do mundo*, (como sabe o Critico) e guarda tam esperto, e vigilante, que lhe nam escapáram as primeiras duas pequenas náos, com que Bartholomeu Dias ousou reconhece-lo, e violar a sua jurisdiçam. Sabía por consequencia muito bem que nunca alli haviam passado Gregos, nem Romanos, nem outros alguns póvos, de que os escritores destas duas naçoens tivessem noticia: de maneira que ainda sem liçam, nem estudo algum bem podia dizer afoutamente que nenhum dos geografos antigos havia descripto em suas obras aquellas paragens.

---

(24) *Esta altissima Poesia* hé toda do Critico no seu *Gama.* C. VII., e certamente nam he furtada! . . . Quem assim escreve, forçosamente deve achar desvarios em Camoens!

O nomear estes escritores *pelo seu nome* mais difficuldade poderá fazer aos espiritos limitados: mas o Critico, que sabe perfeitamente que este gigante e seus irmaons participavam tanto ou quanto da natureza de divindades; pois que se atrevêram a escalar o Ceo, e a fazer guerra a Iupiter, e a Neptuno para uzurpar-lhes os seus respectivos imperios, nam se admirará por certo de que elles tivessem noticia nam só de Ptolomeo, Estrabam, Mela, e Plinio *o naturalista*, ainda que nunca houvessem lido as suas obras; mas tambem de outros escritores menos nomeados: por quanto as divindades costumam saber mais que os homens, por mais que estes sejam espertos, e atilados.

He verdade que Adamastor pela sua metamorfose passou de gigante, que era, a huma natureza *insensivel, e bruta*, como excellentemente adverte o Critico: mas nam he igualmente verdade que com isso acabassem *todas as funcçoens, todos os officios, e todos os ministerios proprios da natureza racional.* Nesta consequencia falha mui desgraçadamente a erudiçam do Critico, ainda que brilhe com grande lustre a sua exacta, e sevéra filosofia.

Brilha a sua filosofia; porque segundo as idêas, que ella nos ministra, hum ser, que por alguma sobrenatural operaçam passáse da natureza racional á insensivel, e bruta, nunca mais poderia pensar, ou conservar alguma de suas primeiras faculdades.

Mas *falha a sua erudiçam*; porque os antigos Poetas assentando de nam se governarem á risca pelos rigores filosoficos fabularam muitos destes milagres, que posto nam concordem com as idêas puras, e seccas da nossa fisica, e metafisica; encantam todavia a nossa imaginaçam; e nos offerecem hum mundo novo tam variado, como admiravel nos seus acontecimentos.

Ovidio, o mesmo Ovidio, que o Critico chama com razam *pai e autor de todas as metamorfoses*, e de cuja auctoridade se vale (pag. 29) para censurar Camoens; elle

mesmo o desmente solemnemente, e refuta sem replica a sua reflexam.

No L. I. das Metamorf. Fab. 9. referindo a transformaçam de *Daphne em Loureiro* diz:

"*Hanc quoque Phoebus* amat, *positaque in stipite dextra*
Sentit adhuc trepidare *novo sub cortice* pectus,
Complexusque suis ramos, ut membra, lacertis,
Oscula dat ligno: refugit tamem oscula lignum."

E depois de narrar como Apollo lhe prognosticára os seus futuros altos destinos, continúa

". *Fatis modo* laurea *ramis*
Annuit: *utque caput*, visa est agitasse cacumen."

Ora he mais que certo que se *Daphne* depois de transformada em arvore perdesse de todo *as funçoens da natureza racional*, nem Apollo, que era hum Deos mui avisado, continuaria a ter-lhe amor "*hanc quoque Phoebus amat*" ou lhe sentiria *estremecer o peito debaixo da cortiça* "*trepidare novo sub cortice pectus*" ou lhe imprimiria *seus amantes osculos* "*Oscula dat ligno*" nem a mesma *Daphne* recusaria estes sinaes de amor, e ternura "*refugit tamen oscula lignum*" e muito menos aceitaria o auspicio feliz "*Fatis annuit*" ou agitaria seus ramos em testemunho de prazer e alegria "*visa est agitasse cacumen.*"

No Liv. X. Fab. 9. e 10, nos mostra o Poeta a desgraçada *Mirrha* convertida em arvore; e todavia *derramando lagrimas*:

"*Flet tamen: et tepidae manant ex arbore guttae.*"

e o que mais he, que já *depois de ser arvore* lhe crece o filho no ventre

"*At male conceptus sub robore creverat infans;*
Quaerebatque viam, qua se, genitrice relicta,
Exsereret: media gravidus tumet arbore venter"

e chegado o tempo de o dar á luz, ainda que nam pode chamar Lucina;

"*Nitenti tamen est similis, curvata que crebros*
Dat gemitus *arbor, lacrymisque cadentibus humet &c.*"

O proprio Ariosto (em quem o Critico tanto confia) falla de hum cavalleiro convertido em *planta* pelos encantos de Alcina (25) o qual assim mesmo transmudado em natureza *irracional*, *e insensivel*, falla e discorre largamente, conta a *Ruggeiro* suas infelicidades, e emfim só torna a ser restituido á sua primeira forma, quando o foram outros muitos, aquem a Fada tinha feito a mesma peça (26).

Eisaqui pois exemplos bastantes a tranquillizar os escrupulos do Critico, e a mostrar que, segundo o systema poetico, o Gigante Adamastor ainda depois de transformado em montanha podia fallar, ameaçar, *estudar*, *e profetizar* como quizesse, e soubesse: que nem elle *mentio em dizer que era Cabo*; nem o Gama *em dizer que elle lhe apparecêra*, *e lhe fallára*: e finalmente que he *hum absurdo*, huma *manifesta falta de juizo*; e hum *altissimo disparate* no Critico estranhar huma coisa tam usual na *Chronica de Ovidio*, e censurar Camoens por aquillo mesmo que o faz grande, e admiravel a juizo de todos os doutos.

O Critico depois de ter assim mostrado que o Episodio de Adamastor he entre os *disparates de Luiz de Camoens o maior disparate*, passa huma revista a todos os mais erros, e disparates do Poeta para acabar emfim de convencer-nos de que a immortal obra dos Lusiadas deve ser colocada entre os *Gamas*, *Soliloquios*, *e Sebastianistas*, e nam merece a estimaçam, que injustamente tem uzurpado pelo espaço de dous seculos e meio a toda a Europa sabia.

Começando (diz elle pag. 30) *pelo primeiro disparate do primeiro canto*, *que he Iupiter decretar a quéda do Mahometismo*, *até ao ultimo disparate* do canto ultimo, *que he Thetis*, *a mâi de Achilles*, *chorar a morte do Apóstolo S. Thomé*, *nam há nos Lusiadas mais do que absurdos*, *e incoherencias*!

---

(25) Cant. VI. Est. 27, e seg. (26) Cant. VIII. Est. 15.

Este *primeiro disparate*, que o Critico nota em Camoens, he huma insigne falsidade; porque em todo o Canto I. nam se acha o allegado *decreto de Iupiter* para a *aboliçam do Mahometismo.* O unico decreto, que ahi vem expresso, he este: (Est. 29)

"*Que sejam, determino, agazalhados*
Nesta costa Africana como amigos,
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarám a seguir sua longa rota."

e se Iupiter favorece assim aos Portuguezes, he porque sabe que (Est. 28)

"*Promettido lhe está do Fado eterno,*
Cuja alta lei nam póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do sol a roxa entrada &c."

O ultimo disparate he huma insigne ignorancia do Critico: porque ainda pondo de parte a satisfaçam, que o proprio Poeta a isso dá nas oit. 89, 90, e 91. do Cant. IX, e depois nas oit. 82–85 do Cant. X. he certo que *Thetis*

"*. . . . . que alli vièra*
Por alta influiçam do immobil Fado."

Nada mais podia dizer, ou vaticinar, senam o que o mesmo Fado tinha decretado, e lhe ordenava que dissesse: e por isso (bem que muito lhe pezasse) havia de lamentar a morte do S. Apóstolo, e fallar delle segundo a *ordem verdadeira, eterna, e immudavel das còisas*, que he o que se póde, e deve entender por *Fado e Destino.*

Tem o poema (continúa o Critico) *dez cantos: o primeiro vai-se no concilio dos Deoses; e só na oitava 44 apparece Vasco da Gama, sem que a sua viagem, que he a acçam principal, appareça na proposiçam do poema; e sem virmos a saber que elle he o Heróe senam passado o meio do primeiro Canto.*

He falso, e falsissimo que o primeiro Canto dos Lusìadas nam contenha mais que o *concilio dos Deoses.* O 1º Canto contem a *Proposiçam* do poema nas 3 primeiras oitavas; e a *Invocaçam* nas 15 seguintes.

Na oitava 19 começa a *Narraçam*. O conselho dos Deoses he descripto desde a oitava 20 até á oit. 42, dalli em diante continúa a narraçam até o fim do Canto, que tem 106 oitavas.

He falso, e falsissimo que Vasco da Gama sómente appareça na oit. 44; porque na oit. 12, já o Poeta faz delle mençam pelo seu nome, e assás o designa como primeira figura do Poema pela comparaçam, que delle faz com *Eneas*:

> "*Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,*
> *Que para si de Eneas toma a fama.*"

He outra vez falso, e falsissimo, que a *viagem de Vasco da Gama* seja a acçam principal desta Epopeia. A acçam principal he o *descubrimento da India pelos Portuguezes.* O Poeta o diz na sua *proposiçam*, e o proprio Critico o reconhece tanto no *Discurso Preliminar* do seu *Gama* (pag. VI.), como nas mesmas *Reflex. Crit.* pag. 31. Vasco da Gama diz-se o Heróe do Poema; porque he o capitam da expediçam, e o principal encarregado d'aquelle descubrimento. Aliás a Epopeia nam he o *louvor de hum Heróe*, que se propoem por modelo; mas sim a *narraçam de huma Acçam grande*, que se offerece para exemplo á imitaçam dos homens.

O Poema tem dez cantos: (torna a repetir o Critico) *o fim do segundo, todo o 3º, 4º, e 5º, e parte do 6º se leva em têcer miudamente a historia de Portugal, contada dentro de hum batel ao pacientissimo, e insomne Rei de Melinde.*

He tambem falso, e falsissimo, o que aqui tam descaradamente affirma o Critico. No fim do Canto II. nam há huma só palavra tocante á historia de Portugal. No Canto III. querendo o Gama satisfazer a curiosidade do Rei de Melinde faz primeiro a elegantissima, e mui poetica descripçam geografica da Europa: na oit. 22 he que começa a narrar, nam com miudeza, mas succintamente a historia de Portugal, em que gasta o resto do C. III.; e

parte do IV. até á oit. 68. e nada mais. Sam somente 188 oitavas empregadas neste assumpto: d'ahi em diante continúa a narraçam do Poema.

Camoens seguio nisto o que antes delle haviam feito *Homero*, e *Virgilio*. Homero para conservar a unidade da acçam, tam essencial ao Poema Epico, transporta-se ao meio dos acontecimentos, e começa pela discordia dos Capitaens, e só depois he que enlaça com arte a narraçam das coizas mais importantes, que diziam respeito ao seu assumpto; mas que se tinham passado antes d'aquella funesta dissensam.

Virgilio appresenta o seu Heróe navegando da Sicilia para a Italia, e arrojado por huma tempestade ao reino de Dido. Ahi he que conta á Rainha no 2º e 3º livro as aventuras, que antecedentemente lhe haviam acontecido na ruina de Troia, e no decurso da sua navegaçam; as quaes, posto que intimamente ligadas com a acçam do Poema, distruiriam com tudo a sua unidade, se fossem contadas segundo a ordem didactica, e chronologica.

Camoens transporta igualmente os Argonautas Portuguezes ao meio da sua viagem, e

"Iá la da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de Sam Lourenço" . . . . . (27)

navegando para Melinde, aonde como achassem benigno acolhimento, e segura paragem, introduz o Poeta com arte a narraçam dos precedentes feitos, que tinham relaçam com a acçam principal, e entre elles a origem, fundaçam, e historia succinta da Monarquia Portugueza, cujos progressivos augmentos haviam sido como huma preparaçam para a arrojada empreza maritima, que agora hiam executar.

Parte, e mui grande parte (diz ainda o Critico) *do 6º Canto se leva com a historia dos doze de Inglaterra, coisa*

(27) Lusiad. C. I. Est. 42.

estranhissima da acçam principal. Todo, ou quazi todo o Canto 8.º se consóme outra vez com a historia de Portugal.

He falso, e falsissimo que mui grande parte do Canto VI. se gaste com a historia dos doze de Inglaterra.

Este Episodio somente occupa 31 oitavas, de 99 que tem o Canto. O seu objecto nam se póde reputar estranho de hum poema, em que se celébra o valor, a coragem, e a nobre ousadía, e heroïsmo dos Portuguezes; antes mui proprio para consolar os illustres navegantes de seus passados trabalhos, e para confortar sua constancia nos que ainda podiam sobrevir-lhes.

He nam menos falso que *todo, ou quasi todo o Canto 8º se consuma com a historia de Portugal.* Este Canto consta de 99 oitavas, das quaes somente 42 contem a descripçam das pinturas, que ornavam as bandeiras, e mais tapeçarias da Capitânia Portugueza, e que mostravam os principáes Heróes, que em differentes idades tinham honrado, e illustrado a Naçam (28).

---

(28) Nam entendemos na verdade a razam porque o doutissimo Portuguez Francisco Joze Freire, mais conhecido entre nós pelo nome de *Candido Lusitano,* nota esta descripçam de Camoens como coisa inverosimil. Porque se o diz pela multidam de figuras e feitos, que o Poeta aqui descreve, quem duvída que muitas mais figuras, e maiores cazos se poderiam pintar nam só nas bandeiras, e tapeçarias de huma náo; mas ainda em menor espaço? E se o diz por lhe parecer esta descripçam alheia do assumpto do Poema, tambem nisto nos parece falha o seu bom juizo; por quanto nada há mais natural do que fallar dos Heróes Portuguezes n'um Poema, cujo fim he engrandecer, e exaltar o valor, e a gloria da Naçam: nada mais proprio das circunstancias do que inspirar grandes idêas da nossa gente ao Catual de Calecut, com cujo soberano pretendiamos establecer perpetua, e firme uniam de amizade, e commercio. Nós por certo nam achamos, nem mais verosimilhança, nem mais coherencia na longa descripçam, que Virgilio faz por mais de 100 versos do *escudo de Eneas*, aonde com admiravel arte mostra a origem, os feitos heroicos, e a futura gloria do Povo Romano.

No fim deste Canto 8.º (diz finalmente o Critico) *acaba-se toda a acçam do Poema, que he o descubrimento da India: e nam só depois de concluida a acçam; mas fóra já do lugar da acçam, vem dois grandes Cantos, o* 9.º *e* 10.º *&c.*

Há pouco tempo nos disse o Critico que a acçam do Poema era a viagem de *Vasco da Gama*; porque assim lhe convinha entam para o seu intento. Agora diz-nos que he *o descubrimento da India*, para mostrar que descuberta a India tinha acabado a acçam. Mizeravel contradicçam, e infructuoza astucia do Critico! Se a acçam do Poema fosse a *viagem do Gama*, esta devía acabar em Lisboa, donde o Heróe partira. Se he porem o descubrimento da India, como na verdade he, claro está que o Poema deve igualmente conduzir o Heróe a Lisboa: já porque o descubrimento he ordenado por ElRei D. Manuel para gloria, e utilidade da gente Portugueza: já porque se Vasco da Gama nam voltasse, nam ficaria em realidade descuberta a India, senam para elle, e seus companheiros; e a acçam perderia toda a grandeza e interesse, que lhe resulta das vantagens, que por ella vieram á Europa, e ao Mundo inteiro.

Mas continuemos ainda com as incoherencias e *absurdos* dos Lusiadas; isto he, com as mentiras, e falsidades do Critico.

Venus (diz elle pag. 32) *se determina a proteger constantemente os Portuguezes: porque acha entre a sua linguagem, e a Romana huma grande relaçam, ou semelhança, ou analogia. Dar a Venus hum gôsto grammatical he coisa tam tediosa, e repugnante, que autoriza bem a invectiva do Inglez Blair contra os Lusiadas.*

Outra falsidade do Critico! Venus amava, e favorecia a gente Lusitana

> "*Por quantas qualidades via nella*
> *Da antiga tam amada sua Romana*
> *Nos fortes coraçoens, na grande estrella*
> *Que mostráram na terra Tingitana.*"

E a esta razam, que mui honroza he para os Portuguezes, ajuntava-se a outra da semelhança da linguagem, menos principal na verdade; mas nam indifferente para o fim do Poeta (29).

He hum Poema affrontosissimo (torna o Critico) *para duas Soberanas deste Reino D. Thereza, e D. Leonor.*

Aqui nam podemos deixar de louvar as piissimas intençoens do Critico, e o profundo respeito, que mostra a pessoas tam dignas da nossa veneraçam.

Mas á cerca da Rainha D. Thereza cumpre notar em defensam do Poeta; 1º que elle mesmo falla dos defeitos desta Senhora segundo o *rumor antigo*, que corria entre os Portuguezes, sem afiançar a certeza dos factos, antes mostrando duvidar delles. (Cant. III. Est. 29.)

"*Mas o velho rumor, nam sei se errado,*
(Que em tanta antiguidade nam há certeza)
Conta que a mâi tomando todo o estado
Do segundo hymeneo nam se despreza &c."

2.º Que o Licenciado Manuel Correa commentador, e contemporaneo do Poeta, censurando-o neste ponto, confessa todavia que os *nossos chronistas, e alguns Castelhanos* haviam posto em escritura o mesmo, que Camoens diz no seu Poema. 3º Que a primeira antiga chronica d' El-Rei D. Affonso Henriquez, que depois foi retocada, e apurada por Duarte Galvam, havia adoptado a mesma tradicçam, que corria no Povo (30). 4º Que ainda hoje

---

(29) Nam temos lido *a invectiva do Inglez Blair contra os Lusiadas*; nem nos importa que ou elle, ou o Critico tenham por *coisa tediosa, e repugnante* o *dar a Venus hum gosto grammatical.* Sómente lembramos aqui que as relaçoens da linguagem sam huma das provas mais demonstrativas da filiaçam dos povos, e da analogia do seu caracter; e que Camoens lançando mam desta relaçam para mostrar a semelhança dos Portuguezes com os Romanos está tam longe de mostrar hum *gosto grammatical* ridiculo, que pelo contrario indica huma verdade mui fundamental, e mui filosofica, que o Critico nam alcançou, nem entendeo.

(30) Barros Dec. III. L. I. Cap. IV.

depois de se haver discutido esta materia por huma e outra parte, nam duvidou *La Cled* dizer que a Rainha D. Tereza

» esquecida do que devia á sua qualidade, á sua
» consciencia, e ao sangue nobre de que procedia,
» se soltou á mais abominavel devassidam, e se ca-
» zou ás escondidas &c. (31).

Pelo que respeita porem á Rainha D. Leonor, falla o Critico com grande ignorancia de nossas coisas, quando diz que nam ha *documento algum authentico* na historia, que prove a immodestia d'aquella Princeza, e os seus galanteios com o Conde Andeiro.

Se por *documento authentico* entende o Critico algum *instrumento publico* lançado em notas, ou *libello de repudio*, ou *querella de adulterio* posta em juizo, ou outro semelhante, razam tem para fallar assim; mas se quer tambem entender o testemunho fidedigno, e incontrastavel da mesma historia fundado em acontecimentos publicos, postos em escritura quazi contemporanea, nunca desmentidos pelos mais serios Historiadores &c. &c.; engana-se mui grosseiramente, e mostra (como dizemos) grande ignorancia de nossas coisas.

A primeira prova, que temos da vergonhoza incontinencia da Rainha D. Leonor, he o seu proprio cazamento com ElRei D. Fernando, celebrado ainda em vida de Joam Lourenço da Cunha, com quem ella era cazada, e de quem se nam havia separado legitimamente. Cazamento que foi contrahido por isso mesmo contra vontade de muitos Senhores, e de todo o Reino: cazamento, que obrigou ElRei a regeitar a Infante D. Leonor, filha de D. Henrique Rei de Castella sem embargo da promessa, que havia feito de a receber por mulher: e cazamento emfim, que por estes e outros muitos motivos veio a ser huma das grandes origens dos immensos males, que sobrevieram a Portugal neste pouco ditoso Reinado.

(31) Hist. de Port. L. V.

Outra prova nam menos demonstrativa do immodesto procedimento da Rainha sam os desgraçados amores, que tomou ainda em vida d'ElRei, com o Conde Andeiro: amores que chegáram a desgostar entranhavelmente o Monarca depois que conheceo as fêas traiçoens de sua mulher, aquem aliás amava com cega paixam: amores que occasionáram a morte violenta do Conde, dezejada, e tentada ainda em vida d'ElRei; mas só effeituada depois da sua morte em desagravo de sua propria honra, e da Naçam (32): e amores finalmente que promoveram, e fomentaram em grande parte as publicas perturbaçoens, discordias, e guerras, que tam fatáes foram a Portugal, e que o arrastariam á sua total ruina, se a Providencia lhe nam deparasse entam no grande e invicto Mestre d'Aviz, e no illustre, valerozo, e magnanimo Condestavel dous apoios tam firmes, e tam incontrastaveis, quaes se precizavam n'aquellas criticas circunstancias para salvaçam da Monarquia, e para gloria e honra immortal dos Portuguezes.

Á vista das quaes provas, summariamente indicadas, se pode ajuizar quam intempestiva, e dezasizada he a *piedade* com que o Critico pertende encubrir, ou disfarçar este tamanho defeito da Rainha D. Leonor, o qual, ainda que nam fosse tantas vezes inculcado, e comprovado nas nossas historias, nada teria de incongruente com o caracter de esta Senhora, e com os impios sentimentos, que ella mostrou em muitas occasioens, e maiormente na abominavel traiçam, que por pura inveja maquinou, e effeituou contra a honra, e vida da sua propria irman; e nos enredos, que tambem atraiçoadamente moveo contra a liberdade, e vida do Mestre de Aviz, que depois foi Rei destes Reinos, e nobre ornamento de todos os thronos do Universo (33).

---

(32) Chron. de D. Joam I. por Duarte Nunes de Leam. Cap. III-VI.

(33) O Critíco, que aqui se mostra tam entendido nas historias Portuguezas, e tam pontual na piedade para com os Principes,

O Critico nam contente de ter vilipendiado Camoens como Poeta volta-se agora para outro genero de ataque, verdadeiramente novo, nunca intentado por algum outro Critico, e filho unicamente do ciume, com que parece olhar todo o superior merecimento, que o deslumbra.

Diz pois com affectada piedade (antes manifesta hypocrisia) que tudo, o que *desapaixonadamente* tem ponderado, lhe faria desprezar altamente os Lusiadas, se nam achasse a tudo *desculpa na mesma vida, e situaçam do Poeta, que compoz entre as extremas mizerias da vida, e acabou o Poema na ultima indigencia, que soffreo em Moçambique, onde conforme o testemunho do seu matalote, e amigo Diogo do Couto comia de amigos, nem tinha huma camiza de seu.* E daqui deduz com admiravel logica, que este *soldado chamado Luiz de Camoens* nam he aquelle, cuja genealogia he tecida por Manuel de Faria e Souza, e começada em Vasco Peres de Camoens &c.

Nós poderiamos facilmente desprezar esta reflexam do

---

parece nam seguir o mesmo plano no seu *Gama.* No Cant. VIII. pag. 182, adopta a opiniam da origem *Hungara* do Conde D. Henrique, tomando-a por ventura de Camoens C. III. Est. 25; mas esta opiniam, que no tempo do Poeta se podia seguir sem nota, he hoje hum erro grosseiro, visto haver-se demonstrado por memorias contemporaneas que o Conde foi neto de Roberto I. Duque de Borgonha, e bisneto de Roberto o sabio Rei de França. No mesmo lugar a pag. 183 diz que ElRei D. Affonso II.

> "*Cô' a mam, que o ferro empunha, empunha o arado;*
> *Dilata o Reino em base mais segura,*
> *Dá leis, dá força á doce Agricultura.*"

Sendo que este particular cuidado da Agricultura he constantemente attribuido na nossa historia a *Sancho I.*, chamado por isso o *Povoador, e Pai da Patria*; e nam a Affonso II, ainda que este fosse o primeiro Monarca, que fez algumas leis geraes para governo do Reino. A pag. 185 passa pelas guerras, que ElRei D. Affonso IV. moveo, quando Principe, a seu pai D. Diniz, e contenta-se com chamar-lhes *guerras injustas*; devendo dizer *impias, e nefandas*, &c. &c. &c.

Critico, sem que dahi se seguisse o mais leve argumento contra o nosso Poeta: porque nam he a fortuna, a riqueza, ou o esplendor do nascimento o que faz os homens grandes em litteratura, ou dá valor a suas obras; nem Camoens preciza deste accidente para conservar na memoria da posteridade o distincto lugar, que sem respeito a elle, lhe grangeáram seus sublimes talentos, e obras inmortáes.

Mas nam nos soffre o coraçam que hum Critico de dous dias movido de baixos, e indignos sentimentos ouse pôr em questam, e até contradizer positivamente com razoens pueris, e ridiculas a nobreza de Camoens, attestada pelo seu comentador contemporaneo, e familiar amigo *Manuel Correa*; desenvolvida, e demonstrada na *vida do Poeta* (quarenta e cinco annos depois da sua morte) pelo douto antiquario o chantre de Evora *Manuel Severim de Faria*: sustentada pelo erudito historiador *Manuel de Faria e Souza*, e constantemente acreditada por todos os escritores Portuguezes, que acazo, ou de proposito fallaram do Poeta.

Huma das razoens, em que o Critico se funda para combater esta geral opiniam, he a propria pobreza, em que viveo, e morreo Camoens: como se esta fosse desconhecida d'aquelles escritores, que o chamáram nobre, e mostráram a distincta qualidade de sua pessôa; e como se nam vissemos todos os dias exemplos ainda mais notaveis dos caprichos da fortuna, e da inconstancia dos seus favores até nas classes mais elevadas da sociedade!

A outra razam do Critico, ainda mais pueril, e ridicula (se he possivel) que a primeira, he fundada no diminuto estipendio de *dous mil reis*, que diz haverem-se dado a Camoens por embarcar *como soldado plebêo*, segundo o assento, que se achou na caza da India.

A este *assento* dá Faria e Souza (se a memoria nos nam engana) o nome de *lista, ou registro de todas as pessôas mais principáes*, que passáram á India. A circunstan-

cia de hir como *soldado plebêo* he acrescentada pelo Critico: nem a milicia Portugueza antiga conheceo jamais semelhante qualificaçam. O estipendio era de dous mil e quatro centos reis, e nam de dous mil reis, como diz o Critico para em nada fallar verdade. E que este estipendio nam fosse pequeno para aquelles tempos, prova-se bem do que diz Joam de Barros na Dec. I. L. XIII. Cap. III. (34)

Ultimamente ainda restam ao Critico alguns escrupulos, e ainda a nós se nos faz preciza mais huma pouca de paciencia.

Nota elle que no principio do Canto VII., aonde se trata da chegada do Gama a Calecut, *neste lance o mais interessante do Poema, como a peripecia, em que nam podia haver interrupçam alguma; repentinamente se esquece o Poeta de si, da acçam, do Heróe, e de tudo; e desembésta* (35) *com huma diatribe, ou tirada violentissima contra os Potentados, e Naçoens Européas &c.*

---

(34) O assento da caza da India diz somente *recebeo dous mil e quatro centos reis* e nam declara se era soldo, ou ajuda de custo, se paga mensal, ou annual. Joam de Barros no lugar citado, fallando da armada em que foi o primeiro Viso Rei D. Francisco de Almeida no anno de 1505 diz que iriam nella até *mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da caza d'ElRei*; *e que* o soldo que entam geralmente se lhes assentou eram *oito centos reis por mez*; e depois que chegassem á India tinham mais quatro centos reaes de mantimento &c. O reparo do Critico he tam insensato, como seria se elle duvidasse da nobreza d'ElRei D. Joam III por haver consignado á sua futura esposa *quatro contos de reis cada anno para o governo da sua caza, em quanto nam vagassem as terras que lhe promettia* (H. G. Tom. III. pag. 523) ou tambem da nobreza de Carlos V. por dar a sua irman a Senhora D. Catharina 200Ͽ *cruzados de dote*; *e* 5Ͽ *annuáes para o governo e sustento de sua caza*, para cazar com o mesmo Senhor Rei D. Joam III. (ibid.) quantias que hoje dotaria qualquer caza opulenta de Portugal.

(35) Este vocabulo *desembésta* tem notavel propriedade para o Critico. Elle o empréga como coisa mui propria sua, e nam he facil que alguem escolha melhor que elle os tempos que lhe convêm.

Era hum costume mui uzual nos tempos de Camoens, introduzirem os Escritores de verso, ou proza em certas paragens de suas obras, e principalmente no fim ou principio das grandes divizoens, algumas reflexoens moráes, que as circunstancias lhes inspirávam, e que elles julgavam convenientes, ou para instrucçam dos leitores, ou para darem hum interesse mais directo ás suas obras, ou para com isso recrearem, e darem alivio ao espirito fatigado da precedente leitura (36).

Nós nem aprovamos, nem reprovamos em geral esta practica: mas se ella tinha algum lugar na Epopeia, em nenhum por certo viria mais a propozito do que no principio do Cant. VII., quando tendo o leitor chegado com os Argonatas Portuguezes ao dezejado termo do seu descubrimento, e tendo (digamos assim) soffrido com elles os immensos trabalhos, e contrastes de tam dilatada, e perigoza viagem; naturalmente se compraz de gozar alguns momentos de util descanço, que o Poeta com tanta arte lhe prepara, e offerece.

A chamada *invectiva*, que se contem nestas quinze oitavas contra as diversas Naçoens da Europa, nam era aliás tam alhêa do objeto do poema, como o Critico quer suppôr. O fim geral de Camoens era louvar, e engrandecer a Naçam Portugueza, aqual sendo de si pequena, e de poucas forças, tinha por seu valor e esforço nam só assegurado a sua liberdade, e independencia na Europa; mas guerreado os Mouros em suas proprias terras, e executado muitas outras empresas gloriosas em augmento do seu Rei, e da sua Patria, e para bem da Religiam, e do mundo inteiro. Daqui he que toma occaziam de reprehender as outras Naçoens Europeas, que muito pelo contrario, só empregavam sua

---

(36) Este costume nam era privativo dos escritores Portuguezes. Veja-se *Ariosto* no principio de quazi todos os Cantos. No meio do Canto XVII. Est. 74-80 há huma invectiva semelhante a ésta de Camoens. O nosso Poeta foi muito mais moderado neste ponto, do que os seus contemporaneos.

grandeza, e forças em combater humas com outras por mesquinhos interesses; e talvez em sustentar com as armas a falsidade das opinioens religiozas, com que dividiam, e affligiam a Igreja de Jezu-Christo.

Nam nos admira que o Critico *estoure com rizo* lendo a invectiva de Camoens contra o Gallo indigno; *porque reprova o canto ecclesiastico*: mas excita-nos compaixam, e magoa a pasmoza ignorancia, ou pertináz preocupaçam, com que o Critico lê Camoens. O Poeta nam reprehende a Naçam Franceza, porque ella *reprovasse o canto ecclesiastico*: semelhante fatuidade nam podia entrar em huma cabeça san: reprehende-a sim pelo contrario de fazer guerra a Christaons, devendo-a antes fazer a Turcos, e Mouros, e explica-se deste modo. Cant. VII. Est. 7.

"*Achas que tens direito em senhorios*
De Christaons, sendo o teu tam largo, e tanto;
E nam contra o cynifio, e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se ham-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto."

Os dous rios denotam Mouros, e Turcos, por ser hum em Africa, e outro no Egypto, onde o Turco domina. *Alli* he que o Poeta quer empregados os *fios da espada* nos infieis, *que reprovam o canto da Igreja*; isto he, que reprovam, e odeiam a Religiam Christan, e as suas sagradas ceremonias. Este he o sentido de Camoens.

Conclue finalmente o Critico, dirigindo-se ao seu Attico com estas palavras "*só vos sei dizer que se algum Poeta da nossa idade apparecesse com hum semelhante montam de inepcias... Que aconteceria? Talvez que se* applaudisse, *e nam apparecesse contra elle huma tempestade de rombos, e insulsissimos epigrammas, com que se atacam obras talvez mais acabadas, e perfeitas.*

Nam, nam tema o Critico nem huma nem outra couza. Hum genio como Camoens costuma ser mui raro, e a nossa idade nam nos dá esperança de o vermos reproduzido. Mas se Portugal está destinado para acrescentar essa coroa ás outras, que adornam sua magestoza fronte, os sabios, e eruditos Portuguezes o applaudirám como devem; e só lançarám justissimos *epigrammas* contra o escritor temerario, e ignorante, que seguindo a trilha do Critico pertender deslustrar com odioza satyra o merecimento abalisado, e as obras destinadas á IMMORTALIDADE.

FIM.